



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário De Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PAULO GONÇALVES DOS SANTOS

O Ser Humano na Segunda Narrativa da Criação

A Educação Moral e Religiosa Católica e a Tarefa de Dignificar a “Pessoa”

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

**Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa
2019**

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma releitura da Unidade Letiva 1 do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) para o 6º ano do Ensino Básico intitulado “A Pessoa Humana”.

Tem como base estrutural, além das obras inerentes à lecionação (Programa, Manual e demais documentação do Secretariado Nacional para a Educação Cristã e do Ministério da Educação), a obra do Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz intitulado “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens” onde é feita uma releitura dos capítulos 2 e 3 do livro do Génesis.

A hermenêutica do texto bíblico usada nesta obra tem um forte cunho antropológico e existencial que me pareceu muito adequado à implementação pedagógica pretendida.

O Programa de EMRC propõe o aprofundamento da Pessoa Humana com toda a pertinência, mas torna-se necessário perceber quais os traços principais da ‘Pessoa Humana’ que se pretende aprofundar e apresentar aos alunos.

A obra do Prof. Armindo Vaz dá um notável contributo nesse sentido fazendo uma nova interpretação da «história de Adão e Eva» de onde se podem extrair contributos fundamentais para uma nova compreensão da Pessoa Humana numa maior fidelidade à intensão do autor sagrado e viabilizando uma nova proposta de implementação pedagógica para esta Unidade Letiva.

PALAVRAS CHAVE

EMRC; Pessoa Humana; Génesis; Antropologia; Existencial; Programa; Dignidade;

ABSTRACT

The current essay presents a reviewing of Unit 1 from the Catholic Moral and Religious Education (EMRC) Syllabus for the 6th grade of Basic School, labelled “Human Person”.

Apart from the regular teaching material (Syllabus, Manual and other documents provided by the National Secretariat for Christian Education and the Ministry of Education), the essay is structurally based on a work by Professor Armindo dos Santos Vaz – “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens”, which offers a new reading of chapters 2 and 3 from Genesis.

The biblical text hermeneutics used in that work have a strong anthropologic and existential imprint that I found quite appropriate to the desired pedagogic implementation.

EMRC Syllabus recommends a holistic approach to the Human Person, but it is necessary to realise the main characteristics of the Human Person that have to be deepened and presented to the students.

Prof. Armindo Vaz’s work gives a remarkable contribution in that sense, offering a new interpretation of “Adam and Eve’s story” that can provide essential inputs for the understanding of the Human Person in a better faithfulness to the sacred author’s will, opening the way to a new proposal for the pedagogic implementation of this teaching Unit.

KEYWORDS:

EMRC; Human Person; Genesis; Anthropology; Existential; Syllabus; Dignity

AGRADECIMENTOS

Desejo com este trabalho agradecer aos meus companheiros de comunidade de leigos consagrados do Movimento dos Focolares onde me integro, pela sua paciência e apoio durante todos estes anos de formação como docente de EMRC.

Agradeço também ao Instituto Superior de Ciência Religiosas - Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa pela forma correta, profissional, rigorosa e científica com que apresentou os conteúdos programáticos ao longo do percurso deste mestrado que agora se conclui.

Agradeço aos meus orientadores, Professor Doutor Armindo Vaz e o Mestre Juan Ambrosio, pela sua alta competência pedagógica e rigor científico com que sempre me apoiaram ao longo de todo este itinerário e a todo o restante corpo docente que deixam dentro de mim um profundo sentimento de gratidão.

Estes anos formativos foram mais do que uma simples especialização profissional ou intelectual mas um autêntico percurso existencial como homem e como cristão que ousou aconselhar, a todos os que tenham possibilidade e vontade, realizar.

Conteúdo

INTRODUÇÃO	9
Capítulo I – Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada	15
1. Caracterização da Escola e da turma	16
1.1 Salesianos de Manique, uma instituição com carisma	16
1.2 Caracterização demográfica da Salesianos de Manique – Escola	18
1.3 Caracterização da Turma.....	19
1.4. Experiência pedagógica ao lecionar a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”	24
2. Uma Leitura do Programa, a Unidade Letiva 1 – A Pessoa Humana	28
2.1 Análise Segundo as Metas e Objetivos	28
2.2 Os Domínios de Aprendizagem	30
2.3 O Conceito de Pessoa Humana no Programa e no Manual	32
2.4 Lecionação da Unidade Letiva 1	37
Conclusão do capítulo I.....	75
Capítulo II – O Ser Humano na segunda narrativa da Criação	79
1. Exegese Crítica do Texto Bíblico – Primeiro Momento Hermenêutico.....	79
2. Atualização do Texto Bíblico – Segundo Momento Hermenêutico.....	88
Conclusão Capítulo II	92
Capítulo III – A EMRC e a tarefa de dignificar a “Pessoa”	95
1 - Como aplicar Gn 2,4b-25 ao Programa da Unidade Letiva 1	95
2 – Planificação de nível III	103
Conclusão	105
BIBLIOGRAFIA.....	111
Documentos da Igreja	111
Obras de Referência	111
Estudos e Monografias	112

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge integrado na Prática de Ensino Supervisionada (PES) que tem como objetivo completar a formação específica e profissional dos docentes de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) através de um estágio pedagógico-profissionalizante e respetiva reflexão científica.

Inserido no percurso pedagógico, o estágio realizado decorreu na Salesianos de Manique- Escola (Manique de Baixo – Cascais)¹, instituição de ensino privada, regida por princípios católicos e pelos ensinamentos de S. João Bosco, propriedade da Congregação Portuguesa dos Salesianos, durante o ano letivo de 2017/2018.

Em articulação com a orientação da Faculdade de Teologia, foi-me atribuída a Unidade Letiva 1 – A Pessoa Humana do Programa de EMRC do 6º ano de escolaridade como unidade letiva de referência e base para o itinerário de aprofundamento científico.

Após a referida lecionação, reflexão e aprofundamento teórico, coloquei-me a possibilidade de apresentação de uma proposta alternativa de implementação pedagógica relativamente à sugerida no Programa para esta unidade letiva seguindo um itinerário centrado na hermenêutica do texto bíblico da segunda narrativa da Criação presente em Gn 2,4b-3,24.

Pretendo apresentar uma abordagem pedagógica diferente a esta unidade letiva devido a que, de acordo com a análise e reflexão levada a cabo e a experiência pedagógica realizada no âmbito da PES, ter constatado que a abordagem apresentada no Programa de

¹ A designação da instituição adotada é a usada atualmente conforme consta dos documentos oficiais disponíveis.

EMRC para esta unidade específica difere da metodologia usada nas restantes unidades deste nível de ensino.

Nas demais unidades encontra-se uma abordagem bíblica concretizada através da apresentação e reflexão dos temas segundo diversos textos. No caso da Unidade Letiva 1 a abordagem metodológica faz recurso predominantemente a conceitos filosóficos, transmitindo um conceito de Pessoa Humana segundo diferentes dimensões que, considero, corre o risco de perder o conceito global, transmitindo aos alunos, involuntariamente, uma imagem fragmentada e relativamente pouco significativa.

A minha proposta pretende colher da narrativa do segundo relato da Criação algumas noções sobre a Pessoa Humana que o autor sagrado quis transmitir, considerando que as tradições hebraica e cristã a assumem como Palavra de Deus. Ter-se-á, igualmente em conta o contexto histórico e literário subjacente à redação tendo em vista a possibilidade de uma nova abordagem pedagógica para esta unidade letiva.

Este relato específico, foi escolhido pelas suas características mais simples e concretas, dado que o primeiro relato, mais recente e elaborado², tem características muito formais e solenes, provavelmente destinadas ao uso litúrgico, que o distanciam da mentalidade atual das pessoas comuns e da vida quotidiana. Para além disto, o estilo literário adotado no segundo relato, mais popular, ingénuo e antropomórfico³, pareceu-me mais adequado à faixa etária média dos alunos a quem se destina esta unidade letiva.

A hermenêutica deste relato da Criação recorre a uma nova consideração do conceito de mito e do seu papel na comunicação de conceitos complexos, especificamente no campo existencial e religioso.

² Cf. J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, Editorial Sal Terrae, Maliaño, 1988, 30.

³ Cf. A.A. TAVARES, “A criação do homem nos mitos das origens”, *Didaskalia* VIII (1978) 50.

Este tipo de análise permite igualmente explorar o aspeto relacional do Ser Humano, primeiramente com Deus, com os seus semelhantes e a natureza como Criação e, por fim, consigo mesmo.

A hermenêutica bíblica a aplicar utiliza uma nova conceção do mito que permite captar uma mensagem mais profunda sobre o ser humano que considero muito pertinente para a sociedade atual fortemente marcada pela mentalidade científico-tecnológica, mas que permanece sempre sedenta do transcendente.

Alguns estudos revelam uma nova riqueza hermenêutica através da abordagem mitológica aplicada a estes textos⁴. A sua contextualização no mundo antigo em que foram produzidos, revela aspetos relevantes anteriormente tidos como secundários ou negligenciáveis.

As abordagens mais comuns apresentam uma exegese que indicia a mentalidade filosófica grega clássica que serviu de suporte à maioria das traduções disponíveis e onde o elemento mítico, normalmente, surge unicamente como artifício literário e sem relevância primordial. No caso da Bíblia, surgia mesmo como elemento a evitar e considerado como uma sublimação de elementos pagãos destinados a serem completamente anulados.

A hermenêutica recente revela um novo filão interpretativo que, fazendo uso das fontes literárias contemporâneas da sua redação, revela potencialidades e riquezas inesperadas.

A abordagem será realizada tendo como base o contributo fundamental dado pelo Professor Doutor Armindo Vaz através da sua obra notável “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens”.

⁴ Cf. A. VAZ, “Ecologia e Criação, à Luz de Génesis 1”, *Bíblica – série científica*, 11 (2002) 122-123.

Esta obra despertou em mim um grande interesse desde que entrei em contato com ela no início dos meus estudos em Ciências Religiosas na Universidade Católica. Este interesse foi-se consolidando através dos diversos cursos ministrados pelo autor ao longo do currículo do percurso formativo nos quais tive oportunidade de participar.

A ligação com o Programa de EMRC deu-se por ter encontrado uma nova abordagem da hermenêutica bíblica no pensamento do Professor Armindo Vaz que me causou um profundo interesse dado encontrar nela muitas respostas ao patente antagonismo do pensamento atual e os temas bíblicos.

A meu ver este mal-estar prende-se com o facto de a hermenêutica mais usada estar ultrapassada. De facto, muito daquilo que está disponível ainda nem sequer tem em conta as orientações recentes do magistério como o Concílio Vaticano II ou documentação atual da Comissão Teológica Internacional ou mesmo da Comissão Pontifícia Bíblica.

Encontrei nas teses e no pensamento do Professor Armindo Vaz uma linha inovadora, mas em grande sintonia com esta documentação atual e as consequentes diretrizes do magistério.

Ao entrar em contato com outros escritos do autor, verifiquei uma grande coerência intelectual e uma oportunidade muito válida, a meu ver, para apoiar e consolidar o diálogo com a cultura contemporânea que constitui uma das finalidades da formação integral pretendida através da disciplina de EMRC.⁵

⁵ A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2014, 5.

Acompanho neste trabalho o método hermenêutico do Professor Armino Vaz baseado na *Lectio Divina* composto por dois momentos, um primeiro de exegese crítica e um segundo de atualização antropológica-existencial da perícopa considerada.

Concluída a fase de hermenêutica bíblica, farei uma releitura da Unidade Letiva em causa conjugando os novos dados obtidos e a experiência realizada através da Prática de Ensino Supervisionada realizada de modo a produzir uma nova proposta de abordagem pedagógica de acordo com as metas e objetivos indicados no Programa.

O presente trabalho será constituído por três capítulos. No primeiro será exposto a reflexão sobre a prática pedagógica realizada no âmbito da PES. Será apresentada a escola onde decorreu, a turma envolvida no processo e a própria experiência pedagógica em si. Na fase subsequente, realizar-se-á a análise e contextualização da Unidade Letiva em causa no Programa geral de EMRC.

O capítulo II apresentará o aprofundamento científico que fundamenta a apresentação da nova proposta de implementação pedagógica.

Como encerramento, o capítulo III concretiza a análise realizada anteriormente assim como o aprofundamento científico-teológico elaborado e apresenta a nova proposta a considerar através da replanificação da Unidade Letiva dentro das metas e objetivos do Programa de EMRC.

Capítulo I – Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Nesta primeira parte apresentam-se as características sociais, demográficas, económicas e religiosas do contexto onde se insere a Salesianos de Manique – Escola onde foi realizada a PES.

Neste primeiro capítulo será apresentada uma reflexão onde se incluem as características da escola e da turma onde decorreu a prática pedagógica.

A primeira nota a fazer é referir que se trata de uma escola católica cujo o projeto educativo assenta na espiritualidade Salesiana e na pedagogia do seu fundador S. João Bosco.

Neste ano letivo 2017/2018, a Salesianos de Manique – Escola adotou como tema “Não temas, estou contigo” que serve de moldura à caracterização da escola e da turma.

A caracterização da turma apresenta o contexto de onde provêm os alunos do sexto ano, turma E, onde foi realizada a prática pedagógica tendo em conta as peculiaridades pessoais de cada aluno e tendo em conta o objetivo pedagógico por excelência de ajudar estes jovens a serem melhores pessoas e, de consequência, mais felizes e realizadas.

Este processo de caracterização permite ao professor fazer a identificação concreta das necessidades reais dos alunos, pontualizando potencialidades, lacunas e oportunidades permitindo a adaptação do Programa e das estratégias pedagógicas a adotar ao contexto efetivo existente durante o ano letivo.

1. Caracterização da Escola e da turma.

1.1 Salesianos de Manique, uma instituição com carisma

Salesianos de Manique – Escola é uma,

“Escola particular, com regime misto, onde coexiste o contrato de associação com o Ministério da Educação e o contrato simples (lecionação paga), numa proposta educativa que acolhe alunos que frequentam o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário”⁶.

No Projeto Educativo desta Escola pode encontrar-se a sua linha mestra de ação,

“cuja missão é a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de valores.”⁷

Esta escola tem como base uma referência cristã de ensino, uma vez que,

“educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, alia o desenvolvimento humano a uma chave de leitura cristã da realidade. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco, também designado por Sistema Preventivo. Trata-se de um conjunto de diretrizes da sua ação educativa, que expos através de vários textos, entre os quais, o que *passamos* a citar, de 22 de abril de 1877: ‘o Sistema Preventivo não se limita a dar a conhecer as prescrições e o regulamento da casa, mas sobretudo a providenciar de tal sorte que os alunos estejam sempre sob o olhar atento do diretor ou dos seus auxiliares.’”⁸

Sob esta referência sublinha-se e sobressai o Sistema Preventivo, tão característico de S. João Bosco, sistema que pretende valorizar a cultura e o trabalho, pela qual a pessoa é olhada segundo o humanismo cristão, tendo como finalidade última a experiência da

⁶ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

⁷ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

⁸ <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/o-m%C3%A9todo-educativo> consultado a 29/06/2018.

transcendência, visível e reconhecida no acolhimento, gestos e ações de todos quantos rodeiam os alunos⁹.

Assim,

“o Sistema Preventivo valoriza a ‘personalização’ das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles.”¹⁰

Este desafio está claramente em acordo com os princípios da ação educativa salesiana:

“centralidade do aluno; ambiente educativo marcado pelo espírito de família; proximidade educativa; corresponsabilidade e participação; critério preventivo; igualdade; qualidade de ensino e das aprendizagens.”¹¹

Efetivamente, todos estes princípios confluem para a promoção em simultâneo do desenvolvimento integral de cada aluno e de todos eles. Sendo assim, a Salesianos de Manique-Escola situa-se entre duas vertentes da educação, a dimensão de desenvolvimento da personalidade e da socialização, sob a forma do sistema preventivo de S. João Bosco, que pretende dar prioridade às experiências positivas, prevenindo as negativas, com o intuito de desenvolver as potencialidades da pessoa em favor do bem comum.

Na senda destas duas linhas de abordagens educativas, os princípios propostos pelo Projeto Educativo coincidem com aqueles que devem ser, segundo R. Arends, os pressupostos do ensino¹²: o conhecimento dever ser construído ativamente através das dimensões social e pessoal, assim como, paralelamente, a necessidade de que todos os alunos perceberem como aprender. Esta comunhão de princípios pode ser sublinhada

⁹ <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/o-m%C3%A9todo-educativo> consultado a 29/06/2018.

¹⁰ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

¹¹ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

¹² Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw Hill, 7ª edição, Lisboa, 2008, 12.

através da promoção de “valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pelo social”¹³.

Uma outra marca da educação segundo D. Bosco prende-se com a certeza que ele tinha de que “*a educação é uma questão de coração*”, numa escola onde o coração, os afetos e o amor são o lema e bússola de todo o processo de ensino-aprendizagem. Pois, só o amor é que pode transformar a vida e dar-lhe uma visão positiva e otimista sobre o processo, mesmo nas dificuldades. O amor motiva, dá força para avançar, num caminho de crescimento pessoal, social e espiritual.

1.2 Caracterização demográfica da Salesianos de Manique – Escola

Partindo do Plano de desenvolvimento curricular da Salesianos de Manique-Escola¹⁴, a escola está inserida num contexto territorial de grande diversidade social e cultural, sendo que os alunos são provenientes de diversos meios sociais onde se incluem bairros de realojamento, com tudo que lhe é característico, até condomínios e moradias de classes socioeconómicas de tipo médio-alto. Mediante a observação realizada durante a PES pôde-se constatar que a população escolar é bastante heterogénea, tendo a proveniência de distintas realidades culturais e sociais. Diante destes diversos contextos socioeconómicos, constata-se que se encontra nesta escola específica, aquilo que Arends denomina “sociedade multicultural”¹⁵. Assim, perante esta realidade, torna-se relevante e fundamental a tentativa e desejo de se criar uma atitude de “escola-comunidade [que implique a] criação de uma comunidade que envolva os alunos, os pais e os educadores, num clima de família.”¹⁶ Na verdade, segundo Arends “[...] são necessárias ações a nível

¹³ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

¹⁴ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-curricular-de-escola> consultado a 29/06/2018.

¹⁵ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 8.

¹⁶ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 29/06/2018.

escolar, que tornem o ensino mais recetivo a alunos com origens diferentes ou necessidades especiais.”¹⁷

Outro dado relevante para situar a escola é o facto de esta receber uma grande diversidade de alunos ao abrigo do Contrato de Associação celebrado com o Ministério de Educação assim como alunos em regime de lecionação paga. Esta convivência de alunos provenientes de meios sociais e culturais diferentes, permite um aprender a viver juntos, formando uma escola inclusiva, acolhedora, integradora e construtora de um humanismo solidário¹⁸.

1.3 Caracterização da Turma

A caracterização da turma constitui um instrumento pedagógico importante no processo ensino-aprendizagem pois disponibiliza os elementos necessários à adequação da aplicação das estratégias pedagógicas concretas a aplicar em contexto de sala de aula ao grupo turma específico a que se destinam.

Estes dados dizem respeito seja ao grupo turma seja aos alunos individualmente, possibilitando assim a adequação das estratégias tanto a nível coletivo como individual. A adequação das estratégias ao nível individual permite uma ação pedagógica personalizada em linha com as recomendações atuais para o processo ensino-aprendizagem: “Um dos mais importantes desafios [...] enquanto professor, é o de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem.”¹⁹

Desta forma, neste caso específico temos um grupo-turma composto por vinte e nove alunos, dos quais quinze são rapazes e catorze são raparigas. No início do ano letivo,

¹⁷ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 81.

¹⁸ <http://www.educris.com/v3/escolas-catolicas/7469-direto-uma-escola-catolica-aberta-a-todos---desafios-e-novos-caminhos> consultado a 29/06/2018.

¹⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 41.

a maioria dos alunos tinha onze anos de idade, havendo um com dez anos, dois com doze anos e outro com treze anos.

O percurso escolar de todos os alunos começou no pré-escolar, vinte e dois alunos iniciaram os seus estudos com seis anos, seis alunos com cinco anos e um aluno com sete anos. Durante este percurso escolar, dez alunos tiveram apenas um professor, outros dez alunos tiveram dois professores e os restantes tiveram três professores.

É um grupo-turma com poucas retenções ao longo do percurso escolar individual dado que apenas dois alunos se encontram nestas condições, sendo que, só um ficou retido no primeiro ciclo e outro no segundo ciclo.

As áreas em que os alunos sentiram mais dificuldades no início do segundo ciclo, foram nas disciplinas de Português e Matemática (oito alunos cada), Música (dois), Inglês (um), História (um) e Educação Visual/Educação Tecnológica (um). Todas estas disciplinas em conjunto com História e Geografia de Portugal e Ciências Naturais esperam alcançar melhores resultados, visando maior sucesso neste final de ciclo.

Pode-se constatar que a maioria da turma não possui qualquer tipo de problema ao nível de saúde mental ou física. Apenas quatro alunos referiram ter dificuldades visuais, três mencionaram serem asmáticos (todos com situação perfeitamente controlada), dois sofrem de enxaquecas, um tem alergia ao pó e gatos e outro sofre de otite.

Provindo de um meio social médio bastante homogéneo e com hábitos de vida regulares, as famílias inserem-se dentro da média da sociedade em geral, em que todos os alunos tomam o pequeno-almoço em casa constituído essencialmente por pão, leite e cereais.

A ocupação dos tempos livres revela-se bastante diversificada, coexistindo diferentes áreas de interesse: ver televisão – desenhos animados, filmes, telenovelas e telejornal, apenas um aluno referiu não ver televisão, ou jogar jogos de computador, com a exceção de dois alunos, dado não terem acesso à internet. Genericamente, ocupam o tempo livre brincando.

É de salientar que uma boa percentagem dos alunos referiu ter bons hábitos de leitura pois indicaram uma média mensal de leitura de dois a três livros. Dez alunos mencionaram não ter hábitos regulares de leitura. Mais de metade do grupo-turma, ou seja, dezassete alunos, pratica atividades desportivas em horário pós-escolar, seis praticam o futebol, três praticam natação, dois *karaté*, e os restantes distribuem-se pela equitação, ginástica rítmica, ginástica acrobática, *hip-hop* e *kick-boxing*, de forma regular. Os restantes treze alunos indicaram não terem prática física regular. Na turma também existem seis alunas que frequentam a Associação Guias de Portugal.

Relativamente ao próprio futuro pessoal, dezassete alunos ainda não sabem ou decidiram não responder à indicação da possível profissão futura (dado não terem nenhuma ideia constituída) e os restantes mencionaram a pretensão de especializarem-se em profissões, sobretudo, da área dos serviços e alguns na área das artes e desporto. Nomeadamente, três alunas desejam seguir a profissão de atriz, duas a profissão de enfermeira, um aluno a profissão de informático, surgindo ainda as profissões de médico, veterinário, professora, professor de acrobática, professor de equitação, professor de natação, ginasta, futebolista, cantor e educadora infantil. Podemos concluir, de forma indicativa, que vários indicam como profissão pretendida a área de ensino em diferentes âmbitos.

Relativamente à faixa etária dos pais, esta varia entre os trinta e dois anos e os cinquenta e um anos. Quanto às mães, estas situam-se entre os trinta e seis anos e os quarenta e nove anos.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, o grupo mais representativo situa-se no ensino secundário, seguido por um grupo de nove pais com um grau académico superior e sete com o ensino básico, apenas um dos pais possuía o primeiro ciclo. No que respeita às mães, quinze possuem grau académico superior, doze o ensino secundário, uma concluiu o terceiro ciclo e outra apenas o primeiro ciclo.

No que concerne à situação profissional, um dos pais estava em situação de desemprego assim como quatro mães, os restantes encontravam-se empregados nas mais variadas funções.

Desta caracterização, podemos concluir que se trata de um grupo-turma constituído por crianças com um nível de vida que se pode considerar *normal*, oriundos de famílias tradicionais e adequadas ao meio social onde se inserem, não apresentando, qualquer deles, problemas de destaque. Existem, no entanto, relativamente ao rendimento escolar, casos específicos de alunos que merecem uma particular atenção por parte dos professores que compõem o Concelho de Turma.

No que diz particularmente respeito à disciplina de EMRC, os alunos, a nível global, revelaram uma boa adesão às atividades propostas, demonstrando curiosidade, espírito de ajuda e responsabilidade, assim como uma boa capacidade de adesão a iniciativas diversificadas. Revelaram também uma boa capacidade de intervenção, através de contributos válidos e com qualidade, exprimindo com facilidade as próprias opiniões e conseguindo participar nas dinâmicas de debate de forma construtiva. É de destacar que a maioria dos alunos não participa na Eucaristia Dominical, não frequenta a catequese e tem pouca prática de culto.

O comportamento da turma é considerado de nível *Bom* na disciplina de EMRC, mas em termos gerais, o Concelho de Turma atribui apenas *Satisfaz* ao comportamento

da turma. É de notar que durante o ano letivo não se verificou nenhuma sanção disciplinar registada aplicada a qualquer aluno.

Ao nível do aproveitamento, os alunos atingiram as metas propostas para a disciplina de EMRC, atendendo a que não foi atribuído nenhum nível negativo e a esmagadora maioria dos alunos obteve nível quatro ou cinco. Podemos, desta forma, considerar que o aproveitamento geral da turma pode ser classificado como *Bom*.

Contudo, verificaram-se alguns casos de alunos que demonstraram dificuldades noutras disciplinas, conforme identificado em Concelho de Turma. Estes casos foram acompanhados, através de adaptações no processo de lecionação relacionadas, sobretudo, com estímulos à participação e maior atenção na forma como estes alunos acompanham a apresentação dos assuntos apresentados. Estas adaptações revelaram-se suficientes para permitir que a totalidade do grupo-turma acompanhasse de modo aceitável os temas abordados e obtido resultados satisfatórios.

1.4. Experiência pedagógica ao lecionar a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”

De acordo com a planificação elaborada, durante o primeiro período escolar foi realizada a lecionação da Unidade Letiva 1 – A Pessoa Humana no contexto anteriormente descrito.

A lecionação desenrolada ao longo de nove aulas permitiu uma experiência pedagógica sobre a qual importa realizar um balanço e uma reflexão que permitam retirar conclusões sobre esta ação educativa.

Nesse sentido é útil retomar alguns excertos daquilo que escrevi nas minhas expectativas sobre o estágio integrado na Prática de Ensino Supervisionada.

Menciono no início: “[...] espero que me permita uma aprendizagem prática sobre o modo como transmitir aos nossos alunos os conteúdos propostos no Programa de uma forma mais eficaz.” Numa outra passagem consta: “[...] espero conseguir aprender, [...], novas formas de lecionação sobretudo no que diz respeito às aulas centradas no aluno.” Surge ainda uma outra expectativa: “[...] aprender na prática letiva a conciliação entre estes dois aspetos: a fidelidade ao Programa existente e a inovação [...]” e, por fim, um interesse: “[...] a partilha de experiências e modos de agir concretos [...]”

Assim, destas passagens, extraem-se as seguintes expectativas:

- a) aprender um modo mais eficaz de transmitir aos alunos os conteúdos do Programa;
- b) aprender formas de lecionação segundo o modelo de aula centrado no aluno;
- c) descobrir a conciliação entre fidelidade ao Programa e inovação;
- d) realizar uma partilha concreta de experiências e modos de agir.

Da reflexão efetuada verifico agora que todas estas expectativas foram plenamente atingidas. Senão, vejamos:

Expectativa A, neste ponto o intuito era melhorar a comunicação dos conteúdos do Programa aos alunos. Este aspeto foi uma tônica constante da prática pedagógica realizada e uma insistência salutar permanente por parte do professor cooperante. As exigências nas planificações das aulas ou de nível 4 eram sempre: fidelidade ao Programa e inovação. Devo confessar que não foi fácil para mim devido aos vícios adquiridos durante a prática profissional já realizada baseada num apoio excessivo no Manual. Através do acompanhamento teórico na faculdade e reforçado na prática pelo professor cooperante, compreendi que o Manual oferece uma aplicação e uma interpretação válida do Programa, mas não exclusiva nem obrigatória.

Apercebi-me que a fidelidade que nos é exigida como professores de EMRC não é ao Manual, mas sim ao Programa expresso nas metas curriculares e nos objetivos indicados para cada meta, o restante são concretizações válidas, propostas que serviram de base à construção do Manual, mas de modo algum, exclusivas.

Isto implicou uma abordagem dinâmica do Programa tendo em consideração o grupo turma presente e o nível de acompanhamento dos assuntos apresentados assim como o seu encadeamento orgânico. Implicou um esforço maior e algumas reformulações de planificações para manter a fidelidade criativa ao Programa. Não o consegui em todas as aulas mas verifiquei um progresso pois consegui incorporar na minha prática docente uma máxima fundamental: no processo de transmissão de conhecimento há duas vertentes a do ensino e a da aprendizagem, se alguma delas falta ou fica diminuída o processo não é eficaz, ou seja, a exposição pode ser brilhante mas se os alunos em concreto não assimilaram os conceitos, estamos perante um insucesso. Recordo uma pergunta recorrente do professor cooperante, mas muito pertinente: “Com a aula de hoje o que é

que os alunos aprenderam?”. É uma pergunta-desafio que desejo que me acompanhe durante toda a minha prática docente no futuro. Este desafio implica a pesquisa de novas metodologias fazendo recurso dos vários instrumentos ao dispor do professor como, por exemplo, a planificação e a reflexão sobre a prática realizada.

Estas considerações permitem também afirmar que a expectativa B *adotar um modelo de aula centrado no aluno* foi igualmente atingida. O dito anteriormente concretiza-se efetivamente fazendo o descentramento do foco da aula do professor para os alunos. Esta foi igualmente uma das tónicas constantes seja do professor cooperante seja dos professores orientadores. O centro de todo o processo de ensino-aprendizagem não é o professor, mas o aluno. Foi para mim uma tensão constante durante as aulas a atenção a este aspeto que em algumas aulas foi conseguido, mas noutras não. Dada a prática docente já com alguns anos, foi difícil lutar contra a tendência em ser demasiado expositivo, ou seja, de centralizar muito a aula na figura do professor, mas devo afirmar que me incutiu com clareza esta exigência para a minha prática futura.

Do exposto fica igualmente claro que a expectativa C pode também ser classificada como atingida. A articulação entre a fidelidade ao Programa e a inovação realiza-se do modo indicado acima e tendo as ideias bem claras sobre o papel e a forma de abordagem do Programa da disciplina.

Por fim, quanto à expectativa D foi uma experiência muito enriquecedora onde coloco em destaque um excelente clima de cooperação no núcleo de PES particularmente durante o segundo semestre. A troca de experiências foi muito enriquecedora assim como a entreajuda. Senti-me formado pela possibilidade de poder assistir às aulas lecionadas pelos colegas e até me senti privilegiado por ter tido a oportunidade de assistir e acompanhar de perto as experiências pedagógicas não apenas no nível que me foi atribuído, mas também no 5º ano. Outra experiência forte de cooperação e interação foi a

construção e execução da atividade comum que permitiu oferecer de forma visível e concreta à comunidade escolar os resultados da nossa cooperação assim como a riqueza e originalidade da nossa disciplina.

Ulteriormente, outra reflexão possível pode ser feita através de um possível paralelismo entre a unidade lecionada e o tema adotado pela Salesianos de Manique – Escola para o ano letivo em causa. O tema geral proposto à comunidade escolar foi “Não temas, estou contigo” (Is 41, 10a).

Efetivamente, é importante ter consciência que este tema só tem sentido efetivo se for assente sobre uma correta ideia de quem é a Pessoa Humana.

Na proposta a apresentar, cuja base é o trecho contido em Gn 2,4-3,24, sobressai, logo num primeiro impacto, que a intenção primordial do autor é declarar que o Ser Humano como Pessoa é, antes qualquer outra coisa, relação com Deus, depois com os seus semelhantes e, finalmente, com a Criação.

O capítulo II fará o aprofundamento destes conceitos e a sua necessária fundamentação científica.

O ponto seguinte, fará uma leitura do Programa de EMRC centrada na Unidade Letiva 1 do 6ºano – A Pessoa Humana onde foi identificada a possibilidade de uma abordagem alternativa, eventualmente, mais apelativa para os alunos. Este processo implica um conhecimento aprofundado dos fundamentos teóricos que estão na base deste modelo de forma a permitir uma compreensão fundamentada sobre as razões que conduziram a esta proposta de implementação.

2. Uma Leitura do Programa, a Unidade Letiva 1 – A Pessoa Humana

2.1 Análise Segundo as Metas e Objetivos

Nesta fase impõe-se uma análise do Programa apresentado para esta Unidade Letiva.

As metas programáticas a considerar são cinco:

B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;

G – Identificar os valores evangélicos;

I – Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade;

E – Identificar o núcleo central do cristianismo;

O – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.²⁰

Este conjunto de metas é concretizado através de sete objetivos, organizados segundo as metas a que correspondem.

Temos, assim, para a meta B:

1 – Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.

2 – Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.²¹

Nesta meta verifica-se a preocupação primordial dos autores neste aspeto em transmitir o conceito nuclear de que, antes de qualquer outra consideração, o ser humano,

²⁰ Cf. A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62.

²¹ Cf. *Ibidem*.

enquanto pessoa, é relação. Dentro dos diversos tipos de relações possíveis importa distingui-las e classifica-las segundo a sua essencialidade, previamente a qualquer outra relação, o ser humano é criado por Deus e para a relação com Ele. Posteriormente surgem a relação com os seus semelhantes e, por fim, com toda a restante Criação.

Passando à meta seguinte, meta G:

3 – Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).

4 – Identificar os direitos humanos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana.²²

Estes objetivos realizam um passo evolutivo rumo à aplicação dos conceitos anteriores à realidade individual de cada um. Como é que cada um, o aluno, consegue reconhecer na sua vida concreta o ser Pessoa. Encontra-o na busca da própria vocação e no reconhecimento da própria, e dos outros, dignidade. Estes objetivos são muito importantes pois ajudam o aluno a passar das abstrações apresentadas anteriormente à sua realidade significativa concreta.

Para a meta I, temos:

5 – Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.²³

Esta concretização continua o trajeto iniciado na meta anterior, além da aplicação individual, é proposto ao aluno a identificação no mundo ao seu redor o contributo da Igreja Católica no sentido de aplicar o conceito de Pessoa humana apresentado na promoção da dignidade humana.

²² Cf. A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62.

²³ Cf. *Ibidem*.

Considerando, agora, a meta E, é proposto o seguinte objetivo:

6 – Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.²⁴

Após ter identificado na sua vida e no mundo ao seu redor a Pessoa Humana, o Programa dá um ulterior passo e faz a ligação de todos estes conceitos com Jesus Cristo e o cristianismo, centrando-o, como já se dizia anteriormente, na relação pessoal de cada ser humano com Deus.

Por fim, relativamente à meta O, é apresentado o seguinte objetivo:

7 – Promover as condições para que cada um viva como pessoa que é.²⁵

Este objetivo conclui o itinerário pedagógico desta unidade letiva, de forma que o apresentado não permaneça como uma mera utopia ou fantasia requerendo um compromisso pessoal na verificação e contribuição para que todos, sem exceção, possam viver como pessoa. Este contributo pessoal indispensável, que pode ser até diminuto ou mesmo impercetível, revela a adesão real e efetiva ao projeto de Deus.

2.2 Os Domínios de Aprendizagem

Uma análise global ao Programa para esta Unidade Letiva evidencia, desde logo, um percurso. Os alunos, sob orientação do professor e em colaboração com os colegas, são desafiados a realizar um itinerário que pretende descobrir quem é a Pessoa Humana, identificando nas suas próprias vidas os indícios dos conceitos apresentados,

²⁴ Cf. A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 64.

²⁵ Cf. *Ibidem*.

reconhecendo no mundo ao seu redor sinais disso mesmo e, aderindo, se empenhem em viver coerentemente segundo este estilo de vida.

As cinco metas consideradas devem ser enquadradas nos três domínios em que se estrutura a totalidade do Programa de EMRC para o ensino básico e secundário.

Encontramos, assim, no domínio “Religião e Experiência Religiosa” a meta B – *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*. No domínio “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida” inserem-se três metas, a E – *Identificar o núcleo central do cristianismo*, a G – *Identificar os valores evangélicos*, e a I – *Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade*. Finalmente, quanto ao domínio “Ética e Moral”, encontramos a meta O – *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*.²⁶

Esta distribuição das metas de acordo com os domínios revela que a incidência recai sobretudo, neste caso particular, no domínio “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida”, dado aglutinar em si três das cinco metas pretendidas. Efetivamente podemos recuperar as finalidades subjacentes a este domínio: a finalidade V - “Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos”; a finalidade VI – “Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social”; a finalidade VII – “Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã”; e, para concluir, a finalidade VIII – “Estabelecer o diálogo entre a cultura e fé”.²⁷

Estas finalidades evidenciam a prioridade do Programa nesta Unidade Letiva específica em transmitir aos alunos qual a mensagem cristã e a mundovisão subjacente de modo a facilitar uma leitura da realidade atual, seja individualmente seja como sociedade,

²⁶ Cf. A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

²⁷ Cf. *Ibidem*, 16.

de modo a conseguir melhores condições que permitam aos alunos, na atualidade e no futuro, serem melhores homens e mulheres contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Isto, porém, sem negligenciar o papel da religião e da ética-moral em todo o processo sem os quais o serviço à educação integral dos alunos ficaria comprometido. Da visão global do Programa da EMRC verifica-se que as diversas Unidade Letivas acentuam mais esta ou aquela finalidade de modo que no final do percurso dos doze anos de escolaridade todas são atingidas.

2.3 O Conceito de Pessoa Humana no Programa e no Manual

Dado ser o fulcro deste estudo, importa perceber bem qual é o conceito contido no Programa sobre a Pessoa Humana e qual a proposta de implementação pedagógica apresentada no Manual adotado.

Uma nota inicial que se destaca na análise do Programa quanto a este ponto específico é a apresentação da Pessoa Humana segundo quatro aspetos: a *Unicidade* - a Pessoa é um ser único; a *Relacionalidade* - a Pessoa relaciona-se com os outros; as várias *Dimensões*; e a *Relação Privilegiada com o Transcendente*.

Na proposta do Manual adotado surge a implementação correspondente através da resposta à pergunta “Quem é uma pessoa?” onde surgem os dois aspetos pretendidos, a unicidade e a relação com os seus semelhantes.²⁸

Na continuidade da apresentação destas premissas, o Programa prossegue apresentando a multiplicidade das diversas dimensões da Pessoa Humana segundo sete categorias: física, intelectual, moral e volitiva, emocional, social, sexual e religiosa. A partir daqui o Programa passa ao processo de identificação da Pessoa em cada um dos

²⁸ Cf. A.A. V.V., *Estou Contigo, Manual do 6º ano – EMRC*, Fundação SNEC, Moscavide, 2015, 12.

alunos através da própria vocação e dos próprios direitos e deveres. Depois passa à análise do mundo circundante focando-se no papel da Igreja Católica. Este ponto do Programa reforça ainda a relação pessoal de Deus com cada um e termina com o incentivo ao compromisso individual com a criação e manutenção das condições para que todos possam ser Pessoa.²⁹

Resumidamente, a noção de Pessoa incide sobretudo nestes aspetos: unicidade, relacionalidade e pluridimensionalidade. Ainda dentro do esforço de definição, refere a relacionalidade pessoal de Deus para com todos e, como base escriturística, apresenta o texto bíblico do Salmo 139 (138). Além deste texto bíblico, o Manual apresenta ainda um excerto da Primeira Carta de S. João, contido em 1Jo 4, 7-21, como apresentação da vocação por excelência do cristão ao amor. Além destes dois textos bíblicos, a implementação proposta no Manual não usa mais nenhum outro e mesmo estes surgem com uma característica complementar e não tanto na perspectiva de encontrar na Bíblia um contributo para a busca de uma possível definição.

Fazendo uma análise comparativa em termos escriturísticos entre a unidade letiva considerada e, por exemplo, a unidade letiva seguinte, *Jesus, um Homem para os outros*, onde o Manual apresenta doze textos bíblicos onde assenta para transmitir os conceitos programáticos, percebe-se uma notável diferença na abordagem adotada. Num caso é claramente identificável uma abordagem ao Programa de tipo bíblico, enquanto no outro, parece ser possível identificar, uma aproximação de tipo mais filosófico com recurso às conceções da filosofia grega clássica onde a Pessoa surge como algo fracionado e composto.

²⁹ Cf. A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 65.

Parece-me interessante reportar neste momento a experiência pedagógica, praticamente inicial, que fiz ao deparar-me com a necessidade de começar a lecionação desta unidade e que é indicativa do modo como se começou a formar em mim o desejo de encontrar uma proposta de implementação alternativa, encontrando soluções para as dificuldades identificadas.

Quando me encontrei perante o desafio de iniciar a lecionação da unidade letiva aos alunos da turma que me tinha sido atribuída, comecei logo por sentir um certo desconforto perante a dificuldade em encontrar estratégias inovadoras conservando a fidelidade ao Programa nestas condições.

Foi logo perante este primeiro desafio que me ocorreu que deveria haver uma forma alternativa para expor aos alunos estes conceitos. Preocupava-me essencialmente não transmitir uma ideia fragmentada do conceito de Pessoa Humana e fazer uso de estratégias com significado vital para os alunos.

Deste modo, ocorreu-me a ideia de usar o conceito da amizade. Nestas idades os amigos começam a ter um peso cada vez maior, assim como a abertura aos outros em geral. Neste sentido, imaginei uma situação ao estilo de um concurso onde cada aluno deveria escolher um colega (obviamente, um amigo/a) que deveria anonimamente descrever e apresentar à turma para ser identificado por todos.³⁰ Com isto pretendia que os alunos conseguissem de uma forma distendida identificar as características físicas, de carácter, de relação, etc. nos diversos colegas e assim fazer uma correlação entre estas características e as diferentes dimensões da Pessoa Humana conforme pretendido pelo Programa. Além disto, parecia-me conseguir atingir igualmente o objetivo de evitar um conceito fragmentado da Pessoa Humana pois ao descreverem um colega real

³⁰ Cf. Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada, Separador 3 -Lecionação das Unidades Letivas de Referência, 5

perceberiam não estar a lidar com fragmentos, mas com partes dum único todo que é a Pessoa de cada um.

Nesta estratégia identifiquei ainda uma ulterior potencialidade, a da relação. Dava-me a oportunidade de os interpelar sobre a diversidade e especificidade de cada um que pode apelar para a relação com o Criador comum e, de seguida, para a relação entre eles, por força da amizade, que ajuda cada um a ser Pessoa e a descobrir-se como tal.

A estratégia decorreu bem e despertou um grande interesse e animação na aula, tendo o Professor Cooperante reconhecido a sua validade pedagógica e interesse como forma de apresentar estes conteúdos.

Regressando à análise do conceito de Pessoa Humana e tal como referido acima, verifica-se uma alteração na implementação prática do Programa desta Unidade Letiva.

A forma de implementação proposta pelo Manual parece não respeitar uma certa homogeneidade, que se encontra na maioria das restantes unidades letivas, até mesmo noutros níveis de ensino.

Pareceu-me conveniente a existência de uma certa homogeneidade através de um maior recurso às potencialidades da Bíblia visto ser esta a fonte primordial que nos permite alcançar a Revelação de Deus. Particularmente considero que, precisamente no primeiro livro da Bíblia, o Génesis, encontramos diversos recursos que podem dar um precioso contributo ao tema desta unidade letiva. Especificamente, o segundo relato da Criação revela potencialidade únicas neste sentido, graças ao seu estilo simples, mas profundo, o hagiógrafo, se corretamente interpretado, consegue transmitir-nos conceitos fundamentais e intemporais sobre a compreensão do ser humano e do seu ser Pessoa Humana.

A exegese atual fez progressos notáveis no campo da hermenêutica destes textos particularmente antigos onde se demarca o trecho contido em Gn 2,4-3,24 explorado de forma exemplar pelo Professor Doutor. Armindo Vaz na sua obra “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens” que serve de obra de referência para este estudo.

Seguidamente apresentam-se as planificações e respetivos Relatórios das aulas lecionadas no âmbito da unidade letiva 1 – A Pessoa Humana.

2.4 Lecionação da Unidade Letiva 1

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

PLANO DE AULA

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 1 – Lição nº 4

Sumário: Quem é a pessoa? Um ser complexo com diferentes dimensões.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45 m	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros	✕ Quem é uma pessoa? - Uma unidade irrepetível - Um ser em relação com os outros	- Origem da palavra “pessoa”;	5’		Nível de participação e envolvimento.
			- Análise no grupo turma da banda desenhada inicial do Manual. Leitura alternada.	10’	- Manual	
			- Escolher um colega e descrevê-lo: trabalho individual escrito	10’	- Folha de papel e caneta	Avaliação dos trabalhos obtidos.
	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente	✕ Dimensão física: corpo, fisiologia ✕ Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa	- Análise em conjunto de alguns trabalhos. Destacar os indícios de relação nas descrições.	10’	- Diálogo com os alunos	Nível de participação e envolvimento.
			Espaço para questões dos alunos.	5’	- Diálogo com os alunos	
			Síntese de aula	5’	- Diálogo	

SÍNTESE DE AULA: PESSOA E SER HUMANO NÃO SÃO EXATAMENTE A MESMA COISA. SER PESSOA IMPLICA RELACIONAMENTOS E O RECONHECIMENTO DOS OUTROS. A PESSOA TEM VÁRIAS DIMENSÕES, COMEÇAMOS POR APRENDER A RECONHECER A DIMENSÃO CORPORAL E A SEXUAL.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 10/10/2017 – 9:15h/ 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 1

Dado ser a minha primeira aula no estágio, ao início senti um certo impasse devido a dois fatores externos: não fui avisado que entre estes dois tempos letivos não havia toque de saída/entrada e não houve a possibilidade de o Professor Cooperante estar presente no início da aula por se encontrar a lecionar no tempo letivo anterior. Estes factos causaram-me um certo embaraço e hesitação que levaram ao começo da aula com cerca de dez minutos de atraso.

A aula começou assim de forma abrupta tendo levado ao esquecimento dos procedimentos regulares de início de aula: a elaboração do sumário e a distribuição dos manuais e portefólios.

Após estes primeiros momentos atribulados, fiz uma ligação à aula introdutória feita na semana passada pelo Professor Cooperante à Unidade Letiva, sob a forma de diálogo com os alunos.

Cerca de dois ou três alunos participaram e foi simples fazer a ligação com o conteúdo da aula anterior.

Como forma de dar continuidade à introdução aos temas do ano, e desta Unidade Letiva em concreto, pedi aos alunos para usarem os manuais que ainda permaneciam guardados no armário. O delegado e subdelegado procederam à sua distribuição.

Quando cada um já tinha o seu Manual, fizemos uma leitura alternada da banda desenhada introdutória do Manual, usando um rapaz à vez para as falas do personagem masculino e uma rapariga à vez para as falas da personagem feminina. Este método criou alguma confusão devido à alternância difícil entre os sucessivos rapazes e raparigas.

Fiz uma análise com os alunos do conteúdo da banda desenhada tentando por destaque as atitudes dos personagens que, no relacionamento entre si e com outros,

manifestavam o facto de serem pessoas. Foi demorado, mas os alunos envolveram-se na tarefa e houve um diálogo participado sobretudo por parte de certa aluna.

Concluída esta parte passei ao ponto seguinte da programação, o conceito de pessoa humana.

Para ajudar os alunos na compreensão do conceito de pessoa referi a necessidade de respeito pelas diferenças entre os seres humanos e a aceitação recíproca. Procurei, sem grandes resultados, fazer uma distinção entre o conceito de pessoa e de ser humano.

Senti que estava a gastar muito tempo e ser muito expositivo e, de uma forma que me pareceu demasiado brusca, passei ao tema das dimensões da pessoa humana.

Nesto ponto usei duas analogias para estimular a compreensão dos alunos, a forma como podemos observar uma pessoa, de frente ou de costas, e o diamante multifacetado.

Como resumo escrevi no quadro as três dimensões principais, salientando que aquelas não eram dimensões singulares, mas grupos de dimensões onde várias outras se podiam incluir.

Continuei a sentir que estava a ser demasiado expositivo e demorado e, embora tivesse feito várias interpelações aos alunos e obtido diversas participações, a aula continuava pesada e monótona conforme me apercebia através de reações involuntárias dos alunos.

Neste momento decidi avançar, conforme a planificação, para o núcleo central da aula e propus aos alunos a elaboração um trabalho individual escrito que consistia na escolha e descrição de um colega com o objetivo de se identificar as diversas dimensões da pessoa humana.

Os alunos começaram a organizar-se, fui dando instruções práticas: usar uma folha solta e nova, identificá-la e começar o trabalho.

Neste momento, e contra a minha expectativa de que teria ainda quinze minutos de aula, tocou para a saída, obrigando-me a passar toda esta atividade para a aula seguinte e a concluir a aula de modo repentino.

Fiquei consciente de que a aula não correu bem. Estava demasiado nervoso e o controlo dos tempos fugiu completamente ao meu controle.

Acho que tenho de encarar a aula com mais serenidade e para isso penso que devo interiorizar mais a própria planificação de modo a ter mentalmente as sequências e o cronograma sem ficar obcecado com o relógio. Devo procurar cumprir o planeado com calma e usar métodos que coloquem os alunos mais em destaque e envolvidos para evitar a monotonia e aumentar o interesse e a aprendizagem dos alunos.

Na avaliação da aula foi referida a falta do sumário no início da aula e a utilização repetitiva de alguns vocábulos.

Foi salientada a má gestão do tempo e a imprecisão de alguns conceitos filosóficos assim como a utilização de um estilo muito expositivo.

Foram notados dois pontos positivos, a boa interação com os alunos, em particular com determinada aluna com características peculiares, e a ligação com a aula anterior.

O estilo muito expositivo foi reforçado assim como o pouco protagonismo dos alunos. Foi aconselhado uma aula mais centrada nos alunos e a necessidade de manter um ritmo de aula mais uniforme.

Foi reforçada a falta da síntese no final da aula assim como o sumário no início. Salientou-se como boa prática a distribuição dos materiais logo no início para evitar quebras de ritmo e foi feita a sugestão de adaptar a atividade realizada sob a forma de um jogo com a turma tornando-a mais interessante e envolvente. Foi sugerido não fazer a distinção entre pessoa humana e ser humano dado ser um assunto complexo que corre o risco de confundir mais do que ajudar, como se verificou.

Notou-se a necessidade de usar uma linguagem mais adaptada à idade dos alunos. Foram feitas sugestões para a composição do sumário salientando que deve ser breve e indicar as estratégias principais usadas na aula.

A estratégia de leitura alternada da banda desenhada não foi considerada como a mais adequada dado ter provocado quebras no ritmo da aula devido ao impasse na escolha dos leitores. Teria sido mais eficaz e breve ter escolhido apenas um único leitor e uma única leitora.

Indicou-se a necessidade de fazer todos participar procurando estimular os alunos mais passivos.

Como conclusão, confirmou-se a má gestão de aula dado o incumprimento do Plano de Aula sendo, portanto, necessário a sua reelaboração para aula seguinte de modo a integrar os pontos em falta em vista do cumprimento do Programa.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 2 – Lição nº 5

Sumário: Trabalho escrito e diálogo sobre as dimensões da pessoa humana.

Meta s	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45 m	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> ✕ Dimensão física: corpo, fisiologia ✕ Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa 	- Ligação com a aula anterior: sumário anterior e o da aula de hoje	5'		Nível de participação e envolvimento.
			Executar o trabalho escrito introduzido na aula anterior	10	- Portefólio	
		<ul style="list-style-type: none"> ✕ Dimensão emocional: emoções e sentimentos <ul style="list-style-type: none"> - A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes. ✕ Dimensão social: a relação com os outros. 	- Leitura em voz alta de dois ou três trabalhos para a turma identificar o colega descrito e posterior registo no quadro das dimensões identificadas segundo os diversos tipos: física, social, emocional, etc.	15	- Trabalhos dos alunos	Avaliação dos trabalhos produzidos.
			- Análise dos registos feitos no quadro salientando as diversas dimensões identificadas.	5'	- Registos feitos no quadro	Nível de participação e envolvimento
			Diálogo com os alunos como síntese e reforço dos principais conceitos.	5'	- Diálogo	Nível de participação e envolvimento
			Síntese de aula	5'	- Diálogo	

SÍNTESE DE AULA: SOMOS DIFERENTES E COM DIVERSAS CARACTERÍSTICAS. RECONHECEMOS QUE TEMOS VÁRIAS DIMENSÕES E APRENDEMOS A IDENTIFICAR AS DIMENSÕES FÍSICA, SOCIAL E EMOCIONAL NOS OUTROS PARA NOS RELACIONARMOS MELHOR E SERMOS MAIS PESSOAS.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 17/10/2017 – 9:15h/ 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 2

Beneficiando da experiência da última aula procurei estar mais calmo e enfrentar a lição com maior serenidade.

Entrei na sala, saudei os alunos, procurando criar empatia e ajudando-os a fazerem a mudança de disciplina dado que nesta transição não há intervalo.

Concluído o primeiro momento organizativo, dei início formal à aula propriamente dita e comecei a ditar os sumários, o da aula anterior, em falta, e o da presente. O processo decorreu normalmente e dentro do tempo previsto.

Passei ao momento seguinte, começando por fazer uma ligação à aula anterior onde recordei, em diálogo com os alunos, os pontos mais importantes. Posto isto, continuei recordando que tínhamos deixado uma tarefa por fazer na aula anterior e que agora iríamos concluí-la, acrescentado, porém, uma pequena alteração: as descrições deveriam ser anónimas e, no final, seriam lidas de modo a lançar o desafio à turma de adivinhar quem era o colega descrito.

A tarefa decorreu bem com uma boa adesão, alguns alunos tinham já iniciado em casa, outros ainda não tinham feito nada. Procurei homogeneizar a situação pedindo aos que já tinham concluído para esperarem enquanto fui circulando pela sala para estimular aqueles com maiores dificuldades.

Após cerca de dez minutos apercebi-me que a maioria tinha concluído a tarefa e escolhi um aluno para vir à frente ler a sua descrição. Correu muito bem, os restantes alunos rapidamente identificaram unanimemente de quem se tratava. Seguidamente pedi ao aluno que tinha feito a leitura para escrever no quadro algumas das características do colega escolhido, agrupando-as em dois grupos.

A operação foi realizada com algumas dificuldades normais devido à ortografia e pela falta de síntese, que procurei apoiar.

Repeti o processo com outra aluna, tendo decorrido de forma muito idêntica à anterior. Os alunos lamentaram-se muito pelo facto de apenas dois terem podido fazer a leitura para a turma, mas expliquei que com tempo disponível não dava efetivamente para mais, com grande pena minha e com a promessa de que aqueles que não puderam intervir teriam outras oportunidades.

Para concluir este momento, agrupei as características escritas no quadro e dei um título a cada um dos dois grupos, em diálogo com os alunos, segundo as características da dimensão física e as características da dimensão social.

No total a tarefa deve ter demorado cerca de trinta minutos e, tendo verificado que estava sensivelmente dentro do previsto, repesquei o assunto da definição do conceito de pessoa da aula anterior e fiz referência ao povo da Grécia clássica que usava máscaras no teatro para caracterizar as personagens e que a essas máscaras davam o nome de “persona” cujo termo evoluiu ao longo dos tempos passando a ser usado para indicar a pessoa humana.

Os alunos acolheram bem a exposição, participando e fazendo perguntas. Este momento foi breve e deixou tempo para fazer, com a turma, a síntese de aula. Esta foi devidamente elaborada por tópicos, escrita no quadro e registada nos portefólios.

Como ainda faltavam alguns poucos minutos para o fim da aula, fui introduzindo a aula seguinte de forma muito breve pois a aula terminou.

Na avaliação da aula, foram notadas melhorias claras e salientado o facto de ter procurado promover a participação dos alunos normalmente mais distraídos ou calados.

Foi destacada a recuperação do conceito da aula anterior e a ligação ao Manual e a redução na utilização dos vocábulos repetitivos.

A organização prática foi considerada boa e, em geral, aumentou a participação dos alunos.

Foi uma evidente melhoria dado o cumprimento do Plano de Aula. A atividade realizada foi considerada como muito interessante e adequada para o conteúdo lecionado.

Foi referido como positiva a ligação à aula anterior e o esforço pelo encadeamento dos assuntos, não deixando itens isolados.

Quanto aos momentos de registos no quadro, foi notado que passei muito tempo de costas para os alunos provocando perdas momentâneas do controle sobre a turma, que é prejudicial. Foi aconselhado um posicionamento lateral mantendo simultaneamente a atenção naquilo que acontece no quadro e no resto da turma.

Desaconselhou-se o uso de ironia durante a aula por induzir comportamentos indesejados.

Foi notado o esforço em melhorar o conceito de “pessoa” da aula anterior com a recomendação a não misturar assuntos.

A síntese de aula foi considerada bem-feita pois permitiu a participação dos alunos e registo no quadro e portefólios.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 3 – Lição nº 7

Sumário: Trabalho de grupo sobre a dimensão social

Meta s	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa,	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	✖ Dimensão social: a relação com os outros.	- Ligação com a aula anterior e sumário de hoje	5'		Nível de participação e envolvimento.
			Apresentar o tópico da comunicação e das linguagens	5'	Diálogo	
		✖ Dimensão emocional: emoções e sentimentos - A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes. - Dimensão sexual: a vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros.	- Apresentação de um vídeo	5'	Vídeo	
			- Trabalho de grupo	15'		Nível de participação e envolvimento
			- Apresentação coletiva dos trabalhos de grupo.	10'		Nível de participação e envolvimento
			Síntese de aula	5'	- Diálogo	

SÍNTESE DE AULA: EM SOCIEDADE É IMPORTANTE A LINGUAGEM. EXISTEM VÁRIOS TIPOS. VANTAGENS DO GRUPO E DA SOCIEDADE.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 24/10/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 3

A aula de hoje não correu como desejado, pois, o Plano de Aula não foi cumprido. Comecei por ditar o sumário e fazer a ligação com a aula anterior. Seguidamente fiz a interligação para a dimensão social reforçando a sua importância no ser pessoa.

Com o objetivo de ilustrar e facilitar a apresentação dos conceitos expostos exibi à turma um breve vídeo sobre as vantagens de agir em equipe dado permitir a potenciação das nossas características e a resolução de problemas impossíveis individualmente.

O resultado não foi o pretendido dado o conhecimento dos alunos deste vídeo do letivo anterior.

Este facto causou alguma perturbação na sala e levou-me a uma passagem algo brusca à estratégia seguinte que consistia num trabalho de grupo.

Houve alguma confusão na constituição dos grupos pois o critério que tinha previsto não resultou acabando os alunos por se agruparem espontaneamente por afinidades, o que providencialmente até acabou por servir os objetivos pretendidos.

Criou-se na sala de aula um clima difícil devido ao par pedagógico ter adotado uma postura demasiado interventiva que provocou uma situação de desautorização do meu papel e confusão nos alunos.

Nestas condições procurei definir os objetivos da atividade escrevendo-os no quadro afim de permitir a sua consulta pelos alunos durante a execução. Percorri todos os grupos para inteirar-me da compreensão dos objetivos e para esclarecer que a conclusão da atividade teria de ser feita na aula seguinte.

Tal como previ, estes procedimentos demoraram mais do que o previsto pelo que

não foi concluída a atividade nem feita a respetiva síntese de aula.

Como se previa, na avaliação foi referida uma grande falta de controle da aula assim como uma certa indefinição.

As atividades em grupo foram referidas como muito bem-vindas dada a inexistência desta estratégia mesmo noutras disciplinas.

No entanto, para futuras situações, foi aconselhado o uso desta estratégia com maior assertividade e objetividade.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 5 – Lição nº 9

Sumário: Vocação ao amor: completar um texto.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)	<p>✕ A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.</p> <p>✕ É preciso amar: 1 Jo 4,7-21</p> <p>✕ A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação)</p> <p>✕ A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros...)</p> <p>- Procurar a coerência entre o que se é e o que aparenta ser</p> <p>- Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade</p> <p>- A aceitação de si mesmo</p>	- Acolhimento e elaboração da síntese da aula anterior.	10'	- Diálogo - PPT	Nível de participação e envolvimento.
			- Sumário da aula de hoje			
			- Introdução ao novo ponto do Programa	5'	- Diálogo	Diálogo
			- Identificação de imaGns sobre o egoísmo, a vivência do amor e a vocação	10'	PPT	Nível de participação e envolvimento
			- Completar o texto de 1Jo 4,7-21 em conjunto com as palavras distribuídas.	15'	- Quadro branco - PPT	Nível de participação e envolvimento. Registo no portefólio
			- Síntese de aula	5'	- Diálogo	

SÍNTESE DE AULA: AUTENTICIDADE É SER FIEL À NOSSA VOCAÇÃO, PARA ISSO TEMOS DE AMAR.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 07/11/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 5

Iniciei a aula com a ligação à aula anterior e ao tema abordado.

Introduzi o novo ponto desta unidade letiva: a autenticidade e a vocação ao amor.

Prossegui com a apresentação em MS-PowerPoint (PPT) de algumas imagens que pretendia que levassem à conclusão de que devemos estar atentos aos outros, ser solidários e evitar de pensar apenas em nós mesmos. As imagens apelavam, igualmente, ao aspeto da vocação e do projeto de vida.

A atividade correu bem, mas foi muito demorada e não tendo sido possível terminar, ficou por fazer a associação das imagens a frases que deveriam servir de legendas.

Como o meu objetivo era a apresentação do texto da Carta de S. João sobre o amor, cortei a tarefa onde estava e passei para a apresentação da atividade relativa ao texto de S. João. A atividade consistia na leitura coletiva do texto proposto completando os espaços deixados em branco com as palavras previamente distribuídas de forma aleatória pelos alunos.

Novamente a tarefa correu bem, teve uma boa repercussão juntos dos alunos e foi um modo eficaz para apresentar o texto, mas o tempo foi insuficiente e os dois últimos slides tiveram de ficar para a aula seguinte, assim como a síntese de aula.

Pareceu-me que a estratégia foi boa, mas falhou a gestão do tempo.

Na avaliação, as estratégias utilizadas foram consideradas boas, tendo falhado claramente a previsão do tempo de duração das atividades.

Salientou-se a dificuldade generalizada na apresentação de textos bíblicos, mas a atividade executada tinha sido adequada em vários sentidos porém com a recomendação

de uma execução ligeiramente diferente através da opção por omitir menos palavras, mas mais fundamentais no texto que, não obstante, mantem a sua validade dado ter sido assumida a opção de preferir a participação do maior número possível de alunos em detrimento da qualidade de cada participação.

O incumprimento do Plano de Aula não foi considerado demasiado grave dado ter havido inovação e ter-se rompido com a previsibilidade das aulas, como estava a ocorrer, tal como ter-se conseguido evitar mais uma aula centrada no professor passando para uma aula centrada nos alunos.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 6 – Lição nº 10

Sumário: Entrega e correção dos testes de avaliação.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)	<ul style="list-style-type: none"> ✕ A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. ✕ É preciso amar: 1 Jo 4,7-21 ✕ A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação) ✕ A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros...) - Procurar a coerência entre o que se é e o que aparenta ser - Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade - A aceitação de si mesmo 	- Sumário da aula de hoje e ligação com a aula anterior.	5'	- Diálogo - PPT	- Nível de participação e envolvimento.
			- Entrega e correção do teste de avaliação	20'	- Diálogo	
			- Conclusão da atividade da aula anterior sobre o texto bíblico.	10'	PPT	
			- Sínteses de aula: aula passada e aula de hoje.	10'	- Quadro branco - PPT	

SÍNTESE DE AULA: DEUS É AMOR. A NOSSA VOCAÇÃO É AO AMOR.

NOTA: O TESTE DE AVALIAÇÃO SUMATIVA FOI REALIZADO ANTERIORMENTE A NÍVEL DE ESCOLA NUM HORÁRIO COMUM AS TODAS AS TURMAS E QUE NÃO COINCIDIU COM NENHUMA AULA NORMAL DE EMRC DESTA TURMA, ASSIM NESTA AULA É POSSÍVEL FAZER A ENTREGA DOS TESTES MESMO SE NÃO SURGE NA PLANIFICAÇÃO NENHUMA AULA PARA A SUA REALIZAÇÃO.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 14/11/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 6

Esta aula foi dedicada essencialmente à entrega e correção dos testes de avaliação, realizados na data do teste comum de EMRC ao nível da escola no passado dia 6/11/2017 como é procedimento habitual na Salesianos Manique - Escola. A realização deste teste comum não coincidiu com a aula habitual de EMRC pelo que não consta da programação.

Comecei pela distribuição dos testes a cada aluno. Devido á expectativa dos alunos criou-se uma certa agitação.

Após a distribuição, passei à correção feita no quadro e mandando vir os alunos realizar à vez no quadro a correção de cada exercício.

Tinha previsto que demorasse menos tempo e, a certo momento, senti-me pressionado a ter de acelerar o processo o que provocou que a correção não tivesse produzido os resultados que estava à espera.

À pressa tentei passar aos pontos seguintes da programação, acabar os dois assuntos deixados incompletos na aula anterior. Destes dois assuntos consegui terminar o primeiro, a associação de imagens a legendas, e iniciar o segundo terminar de completar o texto da 1ª carta de S. João.

Dado ter sido interrompido pelo toque da saída também não realizei a síntese de aula.

Na avaliação, foi notada a existência de momentos “mortos” durante a progressão da aula. Foi sugerida a realização da correção do teste usando uma apresentação em PPT desenvolvido em colaboração com os alunos.

Foi notada a dificuldade no controle disciplinar, com a nota de que o professor deve ser assertivo e direto nas suas intervenções disciplinares tendo presente que é ele

quem controla a sala de aula e não os alunos. Foi indicado, igualmente, o facto de não se dever subir o tom de voz.

Foi sugerido, relativamente à tarefa da aula anterior terminada nesta aula, que a associação imagem-legenda devia ter sido realizada individualmente pelos alunos no portefólio e posteriormente corrigida com toda a turma.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

PLANO DE AULA

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 7 – Lição nº 11

Sumário: Direitos e deveres da Pessoa Humana.

Meta s	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa humana e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<p>✕ O ser humano é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade:</p> <p>- A Declaração Universal dos Direitos do Homem.</p> <p>- A Convenção sobre os Direitos da Criança.</p>	- Sumário da aula de hoje e ligação com a aula anterior.	5'	- Diálogo - PPT	- Registo no portefólio - Nível de participação e envolvimento.
			- Apresentação dos direitos e deveres da pessoa humana. - A DUDH - CDC	10'	- PPT	
			- Distribuição de 29 tiras de papel com os 29 artigos simplificados da DUDH, pelos alunos.	5'		
			- Leitura alternada dos 29 artigos e posterior registo no portefólio do artigo atribuído.	15'	- Tiras de papel	
			- Sínteses de aula: aula passada e aula de hoje.	5'	- PPT	

SÍNTESE DE AULA: A LEI PROTEGE OS DIREITOS DOS HOMENS E DAS CRIANÇAS.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 21/11/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 7

Iniciei a aula com o acolhimento dos alunos e distribuição dos portefólios e manuais em colaboração com o par pedagógico e com a delegada de turma.

Concluída esta operação, apresentei o sumário da aula de hoje num slide de PPT e fiz uma síntese do Programa desde o início a fim de enquadrar o assunto da aula de hoje.

Iniciei a exposição com outro PPT onde salientei que para sermos pessoas temos direitos e deveres que se verificam se temos liberdade. Neste ponto procurei distinguir liberdade do livre-arbítrio fazendo menção ao conceito de bem-comum. Para ilustrar o conceito de bem-comum recorri a breve vídeo passado no India onde um rapazinho consegue resolver o problema de uma árvore tombada na rua de uma cidade movimentada.

Tendo exposto estes conceitos base passei à noção de legislação como elemento necessário para que o bem-comum seja garantido a todos por igual e apresentei a Declaração Universal do Direitos Humanos e, como particularização, a Convenção dos Direitos da Criança e a sua interligação.

Para ajudar na compreensão da Declaração Universal e a retenção dos seus conteúdos, distribui os 30 artigos pelos alunos e pedi que cada um lesse à vez, em voz alta e de pé, o artigo que lhe tinha calhado. Após esta leitura, pedi aos alunos que escrevessem no portefólio o artigo lido e estes sugeriram colá-lo na folha, sugestão que aceitei e foi realizada.

Achei que a lecionação correu bem desta vez porque cumpri o Plano de Aula e consegui não ser surpreendido pelo toque de saída. O cálculo dos tempos foi o adequado porque todas as tarefas foram concluídas dentro do previsto não tendo faltado nem sobrado tempo.

Notei, no entanto, que a aula manteve um ritmo monótono e alguns alunos revelaram algum desinteresse e aborrecimento, o que irei procurar melhorar.

Após a lecionação colaborei como leitor de enunciado na realização da prova comum da disciplina de Português para o 5º ano das 10:30h às 12:30h.

Esta experiência da colaboração foi interessante pois permitiu entrar em mais aspetos da vida pedagógica da escola e, em concreto, lidar com as características próprias do processo educativo dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Como avaliação, foi referido o bom resumo da matéria dada até ao momento com uma boa participação dos alunos, com destaque para o facto de alguns alunos com dificuldades terem percebido bem os conceitos expostos.

Foi salientada como boa a estratégia da divisão dos artigos da Declaração Universal e a sua leitura em voz alta.

Foram notados alguns pormenores importantes da postura durante a lecionação: durante o vídeo, não olhar para as imagens, mas seguir os alunos e o seu interesse e envolvimento na visionação pois é um dos elementos da avaliação formativa indicados no Plano de Aula. Aconselhou-se a não concluir por mim mesmo, mas permitir aos alunos tirar as próprias conclusões fazendo com que se tornem os construtores do próprio conhecimento. Sugeri a projeção de algumas perguntas após o visionamento do vídeo para resposta no portefólio de modo a permitir um melhor desfrutamento deste recurso.

Considerou-se que a aula tinha sido efetivamente monótona podendo ter sido feita uma seleção dos artigos e um tratamento mais particularizado. Não ficou claro qual o interesse pedagógico de passar o artigo atribuído para o portefólio.

Como avaliação geral da aula, considerou-se que esta tinha corrido bem pois os conteúdos previstos tinham sido trabalhados, mas recomendou-se a adoção de estratégias mais dinâmicas de modo a conseguir uma lecionação mais centrada no aluno dado permanecer ainda muito focalizada no professor.

Foram feitos ainda alguns reparos relativos ao envolvimento dos professores que assistem de modo a colaborarem com o professor que leciona sem o substituir ou desautorizar. Foi recomendado não responder a perguntas desenquadradas por parte dos alunos pois são intencionais e têm como objetivo desestabilizar o ambiente de sala aula

assim como o cuidado em não dar ordens contraditórias que criam necessariamente confusão.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

PLANO DE AULA

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 8 – Lição nº 12

Sumário: A defesa dos direitos da criança.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45 m	Recursos	Avaliação formativa
I. Conhecer o percurso da igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	<p>✕ Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas;</p> <p>✕ A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> - à família (<i>Familiaris Consortio</i>, 26) - ao bem-comum (<i>Gaudium et Spes</i>, 26) - à educação (<i>Gravissimum Educationis</i>, 1) <p>✕ O contributo da Igreja Católica nos cuidados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - assistenciais - de saúde - da educação 	- Sumário da aula de hoje e ligação com a aula anterior.	5'	- Diálogo - PPT	- Registo no portefólio - Nível de participação e envolvimento.
			- Apresentação dos documentos base.	5'		
			- Preenchimento individual de um texto da <i>Familiaris Consortio</i> e correção com a turma	10'		
			- Associação de conceitos relacionados com os documentos do Concílio Vaticano II, individualmente e correção com a turma.	5'		
			- Visualização de um vídeo sobre a Cáritas com o Papa Francisco e resposta aberta a 2 perguntas sobre o vídeo individualmente e correção com a turma.	10'		
			- Verificação dos registos e síntese de aula.	5'		

SÍNTESE DE AULA: A IGREJA CATÓLICA AJUDA OS HOMENS A SEREM PESSOAS MELHORES.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 28/11/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 8

A aula correu de modo razoável, porém senti que estava muito preocupado com o tempo dado não ter a noção se aquilo que tinha programado seria demasiado ou pouco, agravado pelo facto de os procedimentos de início de aula terem sido confusos e demorados.

Com o decorrer da aula verifiquei que os tempos previsto se iam cumprindo e consegui terminar o Plano de Aula dentro do tempo previsto.

Procurei nesta aula facultar aos alunos um contacto com os últimos papas, com o Concílio Vaticano II e com algumas encíclicas relacionadas com a defesa dos direitos humanos, conforme indicado no Programa.

Neste sentido coloquei um pequeno excerto de uma encíclica com palavras em falta para os alunos completarem a partir de um banco de palavras. Correu bem os alunos participaram e resolveram com facilidade o exercício proposto.

Após a exposição, apresentei um exercício de associação de conceitos que foi também bem acolhido e participado.

Para concluir, apresentei a Cáritas através de um breve vídeo envolvendo o Papa Francisco e alguns refugiados. Após a visualização, convidei os alunos a responderem a duas breves perguntas sobre o vídeo. Também aqui houve uma boa receção por parte dos alunos que demostraram ter colhido os conceitos principais: a Igreja preocupa-se e atua pelo cumprimento dos direitos humanos através de organizações específicas que concretizam essa atitude.

Na avaliação, foi destacada a boa participação dos alunos em particular de determinada aluna com dificuldades e normalmente pouco participativa.

Referiu-se como aspeto positivo a insistência na participação daqueles alunos que por motivo de carácter são mais introvertidos e menos participantes.

O novo tema foi considerado como tendo sido bem introduzido e contextualizado. Reconheceu-se o bom resultado do vídeo apresentado dado os alunos terem reconhecido que envolvia refugiados de diversas etnias o que poderia favorecer a noção de respeito pela pluralidade tal como se procura fazer na própria escola.

Recomendou-se que o enunciado das perguntas finais devia ter sido escrito no portefólio assim como uma ligação à dimensão social abordada nas aulas anteriores no sentido de evidenciar que se está a fechar o ciclo da unidade letiva.

Foi feita a verificação entre o conteúdo da aula e o exposto no Plano de Aula com a conclusão que o objetivo não tinha sido trabalhado e sido dado à aula um timbre muito teórico com a apresentação de demasiados documentos.

Recomendou-se uma aula com conteúdos mais práticos.

Foi salientado igualmente o desajuste entre o sumário e a aula em si. O conteúdo da aula não era o mencionado no sumário onde faltou também indicação da estratégia principal adotada.

Considerou-se, assim, que os objetivos do Programa não tinham sido cumpridos.

Foi reforçada a necessidade de inovação na conceção das aulas através da pesquisa de estratégias adequadas aos objetivos procurando retirar da doutrina os seus aspetos práticos.

Contudo, referiu-se o bom ambiente de aula, em silêncio e com uma participação ordenada por parte dos alunos. Foi apreciada a boa apresentação dos conceitos através de palavras simples e reconheceu-se que os alunos tinham ficado a conhecer o que eram as encíclicas e o Concílio Vaticano II de modo acessível.

Relativamente à aula seguinte recomendou-se a focalização nos direitos das crianças e a apresentação das crianças sem direitos com relação à generalidade da realidade social favorável dos alunos desta turma.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

PLANO DE AULA

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 9 – Lição nº 13

Sumário: Instituições que defendem e promovem a criança: jogo didático e carta a Jesus.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
I. Conhecer o percurso da igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.	✖ Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas; ✖ A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: - à família (<i>Familiaris Consortio</i> , 26) - ao bem-comum (<i>Gaudium et Spes</i> , 26) - à educação (<i>Gravissimum Educationis</i> , 1) ✖ O contributo da Igreja Católica nos cuidados: assistenciais; de saúde; da educação.	- Sumário da aula de hoje e ligação com a aula anterior.	5'	- Diálogo - Jogo em PPT	- Nível de participação e envolvimento.
			- Apresentação da Unicef e dos Escuteiros e SportBosco como instituições católicas, através de um jogo didático	15'		
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	✖ Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139 (138)	- Elaboração individual de um postal a Jesus falando e pedindo pelo respeito dos direitos de todas as crianças.	10'	- Folha com imagem e frase do Sl 139	- Envolvimento e realização do trabalho escrito
			- Leitura e partilha dos trabalhos individuais.	10'		

SÍNTESE DE AULA: INSTITUIÇÕES QUE AJUDAM AS CRIANÇAS. POSSO CONTAR COM DEUS PARA ME AJUDAR.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 05/12/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 9

Iniciei a aula com os procedimentos habituais e a entrega do Plano de Aula impresso, assim como cópia de todos os materiais usar, à Professora Orientadora Doutora Cristina Sá Carvalho, presente para realizar a aula assistida correspondente ao 1º semestre da PES.

Após estes procedimentos introdutórios, dei início à execução do Plano de Aula com a realização e projeção do sumário.

De seguida, fiz a ligação à aula anterior e a apresentação em linhas gerais dos objetivos da aula de hoje. Assim, introduzi a estratégia principal que consistia na realização de um jogo de adivinhas. Expliquei que pretendia apresentar três instituições/organizações que se dedicavam à promoção dos direitos das crianças e, para isso, apresentaria três pistas e uma imagem após as quais os alunos deveriam adivinhar de qual organização se tratava.

O jogo correu muito bem e foi muito participado. Os alunos perceberam bem a dinâmica e, rapidamente, as três entidades referidas foram descobertas: a UNICEF, os Escuteiros e o SportBosco.

O meu objetivo foi apresentar uma organização mundial, uma nacional e outra local.

Após este primeiro momento, passei ao objetivo seguinte do Plano de Aula que consistia no tratar o relacionamento pessoal com Deus.

Para fazer o encadeamento dos assuntos, propus aos alunos de fazerem uma carta individual a Jesus onde fizessem referência ao facto de muitas crianças no mundo não terem os seus direitos garantidos conforme as imagens que apareciam nas folhas distribuídas. Para contribuir para esta ligação pessoal a Deus, nestas folhas surgiam também frases retiradas do salmo 139 (138) apresentado anteriormente.

Os alunos aderiram também muito bem a esta tarefa e, após alguns minutos para a sua realização, convidei alguns a virem ler a sua carta à frente a todos os colegas.

Esta parte decorreu também muito bem e, entre os alunos que participaram ativamente no jogo e aqueles que leram a sua própria carta a Jesus, pareceu-me ter conseguido que todos participassem.

Para concluir a aula, solicitei aos alunos a síntese de aula que foi feita oralmente com diversos contributos e escrita no portefólio. Após esta última tarefa, o tempo esgotou-se e a aula terminou ao toque de saída.

Considero que aula correu bem, os objetivos foram atingidos com um bom grau de envolvimento e participação dos alunos, tendo o Plano de Aula sido cumprido.

Na avaliação, considerou-se que a aula tinha corrido bem dado o bom resultado do jogo evidenciado pelo bom acompanhamento e participação de todos os alunos.

Foram apresentados alguns melhoramentos a realizar. Indicou-se que proficiência deveria ser aumentada e apontada uma certa rispidez no desenvolvimento da aula evidenciados através de uma pouca serenidade notada até na forma do olhar para os próprios alunos.

Aconselhou-se ainda a procura de diferentes desenvolvimentos. No entanto, também se salientou que em momentos de alguma dispersão houve a capacidade de fazer uma boa recuperação.

Concretamente foi observado que no tema da ONU se deveria ter procurado explorar mais o assunto dado que, provavelmente, algumas noções assumidas como adquiridas poderiam ainda não o ser, dado que a educação é também repetição.

Considerou-se o jogo como bem construído, mas com a nota de ter havido uma quebra no critério gráfico adotado ao ter inserido um desenho numa sequência de fotografias. Destacou-se, igualmente, que na ficha explicativa de cada uma das entidades existiam termos complexos que não devidamente explicados, como o caso da expressão “comunhão eclesial”.

Referiu-se ainda, que ao nível de apresentação gráfica, a designação “Direitos das Crianças” não tinha sido escrita com maiúsculas.

Foi destacada a boa ligação ao tema dos Direitos do Homem, mas recomendou-se que deveria ter sido feita de um modo mais profundo de modo a permitir um maior acolhimento por parte dos alunos. Deveria ter sido deixada com clareza a ideia de que existem adultos conscientes e preocupados com estes assuntos. Uma outra noção que deveria ter sido deixada com evidencia, era a de que as crianças também têm voz ativa sobre os seus assuntos.

Mencionou-se também a ausência da associação direito-deveres, na educação omite-se frequentemente a referência àqueles que têm possibilidade de agir no auxílio a quem está em necessidade.

A segunda estratégia da aula, o postal a Jesus, considerou-se ter corrido bem, mas ter sido uma opção arriscada dado proporcionar-se a interpretações ambíguas. Por exemplo, “Deus ouve-nos”, mas continuam a haver crianças a passar fome e privações. Salientou-se que faltou o estímulo à posição pessoal e o apelo a qual deve ser o “próprio” contributo para que estas situações possam ser melhoradas. Este convite seria revelador de uma atitude mais cristã de comunhão efetiva.

Neste ponto, aconselhou-se uma atitude de maior sofisticação teológica associada a uma visão mais universal, articulada com a atenção a situações pessoais existentes entre os próprios alunos.

Recordou-se a necessidade de uma maior suavidade assim como uma melhor integração geral no âmbito dos Direitos Humanos.

Para concluir, considerou-se que a síntese de aula poderia ter sido melhor. Concretamente deveria ter sido antecedida por um breve momento de reflexão que evitaria a sensação deste momento como um “happening” permitindo não ficar apenas ao nível dos sentimentos.

Reforçou-se o facto de que escrever uma carta a Deus pode, efetivamente, deixar uma sensação errada de uma certa “magia”: basta pedir e acontece. Notou-se a ausência da componente do compromisso pessoal e do correspondente envolvimento no contributo para a resolução dos problemas evidenciados.

Referiu-se, igualmente, a necessidade de uma maior proximidade com os alunos.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4

PLANO DE AULA

Ano: 6º

Unidade Letiva: 1 - A Pessoa Humana

Aula nº: 10 – Lição nº 14 Sumário: Promover as condições para que cada um seja “pessoa”: fazer carta de compromisso. Autoavaliação.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa e o mundo	7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<p>✕ Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; - Escutar; - Partilhar; - Comunicar bem; - Respeitar os outros; - Defender os direitos humanos; - Cumprir os deveres. 	- Sumário da aula de hoje e ligação com a aula anterior.	5’	- Diálogo - PPT	- Nível de participação e envolvimento
			- Apresentação da tarefa de hoje: fazer a “carta de compromisso” pessoal em contribuir para que “todos sejam pessoas” – explicação dos objetivos segundo os conteúdos.	5’		
			- Realização individual da tarefa pretendida.	10’	- Folhas para a Carta de Compromisso	- Envolvimento e realização do trabalho escrito
			- Leitura e partilha dos trabalhos individuais.	10’	- Trabalhos dos alunos.	- Nível de participação e envolvimento
			- Autoavaliação	10’	- Fichas de autoavaliação	
			- Síntese da aula	5’	- PPT	

SÍNTESE DE AULA: O NOSSO COMPROMISSO INDIVIDUAL PARA QUE TODOS SEJAM PESSOA.

Relatório Crítico e Descritivo

Local: Salesianos Manique – Escola

Ano e turma: 6ºE

Data e hora da aula: 12/12/2017 – 9:15h / 10:00h

UL 1 – A Pessoa Humana – aula 10

Iniciei a aula com os procedimentos habituais e respetiva introdução partindo dos conteúdos da aula anterior.

Expliquei que para contribuir para que todos sejam Pessoa é necessário darmos o nosso contributo específico. Para isso, propus aos alunos a realização uma carta de compromisso pessoal por escrito em folha própria mencionando um aspeto concreto do ser pessoa sobre o qual fazer o próprio compromisso.

Os alunos aderiram bem à atividade e após a realização individual foi feita a leitura de alguns trabalhos a toda a turma.

Mesmo tendo havido alguma turbulência, devido a ser a última aula do período, pareceu-me que o objetivo foi atingido e os alunos colheram o conceito de dever dar também o seu próprio contributo para que a aplicação dos Direitos das Crianças seja uma realidade o mais generalizada possível.

A planificação desta aula resultou da reflexão e avaliação da aula anterior, onde me dei conta que para transmitir corretamente o conteúdo pretendido deveria adicionar a componente do compromisso pessoal. Apercebi-me que o facto de terem feito uma mensagem de petição a Jesus sobre os Direitos das Crianças não respeitados poderia provocar nos alunos uma atitude errónea de demissão e descompromisso. Com esta estratégia quis também salientar que os alunos, enquanto crianças, têm já um papel e voz ativa tendo a possibilidade de contribuir concretamente e corrigindo uma possível falsa ideia de que estes assuntos apenas dizem respeito aos adultos.

Após a leitura dos trabalhos, onde procurei evidenciar os alunos menos participativos, realizei a autoavaliação deste período.

Concluída esta tarefa, o tempo esgotou-se e concluí a aula com a transmissão dos meus votos de boas-festas para os alunos e respetivas famílias.

Na avaliação, a aula foi considerada como tendo corrido bem.

Salientou-se que tinha sido boa a mudança de estratégia para permitir uma melhor consciencialização da responsabilidade dos próprios alunos.

Conclusão do capítulo I

Este primeiro capítulo apresenta a análise do contexto onde foi realizada a PES.

Através do conhecimento do ambiente socioeconómico de proveniência dos alunos e das suas características ambientais, o trabalho de adequação e planeamento do processo educativo torna-se possível.

Na perspetiva integradora que marca o estilo pedagógico salesiano, também houve a natural preocupação de integrar a execução do Programa de EMRC nas grandes linhas mestras de orientação pedagógica da instituição. Estas surgem expressas particularmente no Projeto Educativo e no Ideário que conjuntamente com os outros documentos estruturantes, regulamento interno, Plano anual de atividades e projeto curricular de escola, formam os alicerces onde se fundamenta a proposta pedagógica da Salesianos de Manique – Escola.³¹

Em articulação com a documentação que exprime a concretização do projeto global da instituição, surge a proposta de abordagem da “Pessoa Humana” integrada no Programa de EMRC do sexto ano de escolaridade. Como é facilmente perceptível, há uma convergência notável entre as duas propostas o que torna o desafio do processo de ensino-aprendizagem muito interessante e cativante.

O segundo capítulo irá começar a apresentar a concretização desta articulação, integrada na prática pedagógica desenvolvida durante este ano letivo. Tal como já referido anteriormente, o lema do ano “Não temas, estou contigo” abre a necessidade de perceber na perspetiva cristã qual é a noção de Pessoa Humana que assumimos.

³¹ <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola> consultado a 27/08/2018.

Esta noção assenta sobretudo na relação com Deus e com os outros e, posteriormente, com o mundo ao nosso redor. A perspetiva cristã matura a perspetiva judaica e leva-a ao seu pleno desenvolvimento sem a anular. Assim para percebermos bem a perspetiva cristã sobre a Pessoa Humana é necessário ir às raízes da cultura onde Jesus nasceu, cresceu e morreu. Essas raízes temo-las no Antigo Testamento particularmente no Livro do Génesis onde o hagiógrafo registou a reflexão do povo judeu sobre a dignidade e as limitações da pessoa humana, colhidas da revelação de Deus.

A Bíblia deve ser considerada como obra religiosa que é, e tendo em conta que faz uso dos recursos disponíveis à época e ambiente cultural da sua composição.

Naturalmente a abordagem aos textos bíblicos deve ser feita de forma cuidada e segundo os métodos de uma hermenêutica adequada.

Como já afirmado anteriormente, dentro das hermenêuticas possíveis acompanho neste trabalho o método adotado pelo Prof. Armindo Vaz para a interpretação de Génesis 1-11. A sua abordagem hermenêutica caracteriza-se pela análise literária histórico-crítica dos vários relatos que formam esse amplo conjunto bíblico. Da análise comparativa de Gn 1-11 com as narrativas de criação da antiga Mesopotâmia (que contêm em comum os mesmos motivos literários, a mesma finalidade, o mesmo contexto, que é o contexto próprio e próximo das narrativas bíblicas de criação, consideradas consensualmente *mitos de origem*) conclui-se que estes relatos bíblicos em que se inserem os capítulos 2 e 3 do Génesis são igualmente mitos de origem. Neles o autor, através do seu ato de fé, vê a ligação de Deus com tudo o que compõe a existência. Nestes relatos o mitógrafo, em vez de usar o pensamento abstrato, comunica a sua mensagem através de uma história com sentido, fazendo a conversão de ideias abstratas em eventos e personagens.³²

³² Cf. A. VAZ, “Ecologia e criação, à luz de Génesis 1”, *Bíblica – Série Científica* 11 (2002) 123.

Este tipo de abordagem parece-me particularmente didática e apropriada para os jovens destinatários do Programa de EMRC do 6º ano por destacar o estilo vivo, colorido e simples e profundamente humano que se evidencia, particularmente, na segunda narrativa da Criação. O seu aprofundamento e apresentação de forma correta e atual inclui em si todos os benefícios referidos, mas também uma oportunidade muito interessante de esclarecer equívocos e confusões relacionados com uma das mais populares histórias da Bíblia.

Neste sentido, a prática pedagógica realizada permitiu uma reflexão que conduziu à elaboração de uma proposta alternativa à apresentada no Manual da disciplina para este ano de escolaridade. Desta forma, a nova proposta usa como suporte uma abordagem predominantemente bíblica e centra-se na hermenêutica do texto contido em Gn 2,4b-3,24.

Esta alternativa começa por um novo tipo de aproximação e interpretação feito às metas e objetivos. Por motivos de coerência, é conveniente manter a aproximação bíblica através do recurso a excertos da Bíblia onde, através de uma hermenêutica adequada, é possível procurar as respostas aos desafios programáticos.

A hermenêutica dos textos bíblicos apresenta na atualidade, e graças à interligação de diversas áreas do saber, uma fonte extremamente rica para encontrar respostas aos quesitos intemporais do ser humano. Explorando no seu âmago, descobrimos conceitos e noções fruto da reflexão de antepassados longínquos, que têm a grande vantagem de terem viajado ao longo de milénios para se comunicar aos homens e jovens do séc. XXI, contendo verdades intemporais válidas para todas as épocas.

Julgo ser de interesse a aplicação de uma abordagem alternativa usando as recentes hermenêuticas da Bíblia existentes, pois pode-se ganhar em motivação e interesse para os jovens alvo e prestar um serviço à sociedade em geral, através deles, na

atualização da resposta que a Igreja apresenta atualmente aos desafios vitais no séc. XXI nas sociedades ocidentais.

Recordo aqui o comentário pertinente do Prof. Dr. Carlos Silva colocado no início da obra do Prof. Armindo Vaz “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens”³³. Tenho esperança que, através de um correto esforço devidamente atualizado, consigamos igualmente que também os nossos contemporâneos “não invetivem tão agressivamente o cristianismo”, a começar pelos nossos alunos.

³³ “Se F. Nietzsche tivesse lido esta interpretação da chamada «história de Adão e Eva», não teria invetivado tão agressivamente o cristianismo” em A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, p.5.

Capítulo II – O Ser Humano na segunda narrativa da Criação

1. Exegese Crítica do Texto Bíblico – Primeiro Momento Hermenêutico

Tal como já foi referido, o itinerário alternativo a propor assenta no texto bíblico inserido em Gn 2,4b-3,24. Para tal, impõe-se fazer uma exegese deste texto que permita o mais fielmente possível extrair a mensagem que o autor pretendeu transmitir aos seus leitores.

O texto considerado contém riscos reais e efetivos de interpretação dada a distância temporal e espacial da sua redação original.

Neste, como em muito outros textos bíblicos, importa conseguir responder a questões como: a quem se dirigia o comunicador? Com que finalidade?³⁴

Efetivamente, enquanto na linguagem oral a comunicação é imediata e há constantes possibilidades de os interlocutores fazerem constantes esclarecimentos, a linguagem escrita está fixa numa época que poderá ser muito anterior, no tempo, na cultura, na língua, na mentalidade, relativamente à do leitor. Estas dificuldades podem ser superadas através da *hermenêutica* considerada como a ciência ou arte de interpretar, traduzir, explicar. Na prática, trata-se do esforço que nasce da tentativa de estender pontes entre a situação presente do intérprete e um texto do passado.³⁵

Neste trabalho de compreensão plena de um texto antigo colaboram a exegese e a hermenêutica de modo inseparável, a primeira na vertente da explicação e a segunda na vertente da compreensão.³⁶

³⁴ Cf. A. VAZ, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013, 257.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 258.

³⁶ Cf. *Ibidem*, 260.

Transcrevemos aqui a perícópe referida segundo a tradução própria do Prof.

Armindo Vaz³⁷:

^{2,4b}No dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus,

⁵ e ainda não havia nenhuma erva do descampado e ainda não brotava nenhuma planta do descampado, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para cultivar o solo

⁶ e águas profundas subiam da terra embebendo toda a superfície do solo,

⁷ então o Senhor Deus modelou o homem de humo do solo e inspirou nas suas narinas hálito de vida e o homem tornou-se ser vivo.

⁸ O Senhor Deus plantou um pomar numa várzea a Oriente e colocou lá o homem que modelara.

⁹ O Senhor Deus fez brotar do solo toda a espécie de árvores agradáveis à vista e boas para (produzir de) comer e, no centro do pomar, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

¹⁰ Um rio nascia da várzea para irrigar o pomar e a partir daí dividia-se formando quatro rios:

¹¹ o nome do primeiro é Pişon, que contorna toda a terra de Havilá, onde há ouro;

¹² e o ouro dessa terra é fino; é lá que há bdélio e pedra esmeralda;

¹³ o nome do segundo rio é Guihon: contorna toda a terra de Cuş;

¹⁴ o nome do terceiro rio é Tigre: corre a Oriente de Assur; o quarto rio é o Eufrates.

¹⁵ O Senhor Deus tomou o homem e estabeleceu-o no pomar da várzea para trabalhar e guardar.

¹⁶ O Senhor Deus ordenou ao homem: 'Podes comer à discrição de todas as árvores do pomar;

¹⁷ mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comas, pois no dia em que dela comeres de certeza morrerás'.

¹⁸ Disse o Senhor Deus: 'Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei um complemento

adequado'.

¹⁹ Então o Senhor Deus modelou do solo toda a espécie de animais do descampado e toda

a espécie de voláteis do céu, e conduziu-os ao homem para ver como os chamava; e tudo o que o homem ia chamando a cada ser vivo, esse ficava o seu nome.

²⁰ O homem deu nome a todos os animais domésticos, aos voláteis do céu e a todos os animais do descampado; mas para o homem não se encontrou um complemento adequado.

²¹ Senhor Deus fez cair sobre o homem um sopor e ele adormeceu. Então tomou um dos seus costados e fechou-o com carne no seu lugar.

³⁷ A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 21-22.

²² Senhor Deus construiu a mulher com o costado que tinha tomado do homem e conduziu-a ao homem.

²³ Disse o homem: 'Finalmente esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta chamar-se-á mulher, pois ela foi tomada do varão;

²⁴ por isso, o varão abandonará o seu pai e a sua mãe e unir-se-á à sua mulher e serão uma só carne'.

²⁵ Estavam ambos nus, o homem e a sua mulher, sem se envergonharem um do outro.

^{3,1} A serpente era o mais astuto de todos os animais do descampado que o Senhor Deus fizera. Ela disse à mulher: 'É verdade que Deus disse: não comais de nenhuma árvore do pomar?'

² respondeu a mulher à serpente: 'Do fruto das árvores do pomar podemos comer,

³ mas do fruto da árvore que está no centro do pomar disse Deus: não comais dele nem o

toqueis, para não morrerdes'.

⁴ Retorquiu a serpente à mulher: 'Não é verdade que morrereis,

⁵ pois Deus sabe que no dia em que comerdes dele se abrirão os vossos olhos e sereis como

Deus/deuses, conhecedores do bem e do mal'.

⁶ A mulher viu que a árvore era boa para comer e agradável aos olhos e desejável para

adquirir sabedoria. Tomou do seu fruto e comeu. Deu também ao seu homem que estava com ela, que comeu igualmente.

⁷ Então abriram-se os olhos a ambos e reconheceram que estavam nus; coseram folhas de

figueira e fizeram-se cinturas.

⁸ Ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no pomar à hora do dia e o homem e a sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus no meio das árvores do pomar.

⁹ O Senhor Deus chamou pelo homem e disse-lhe: 'Onde estás?'

¹⁰ Replicou: 'Ouvi a tua voz no pomar e tive medo, porque estou nu; por isso, escondi-me'.

¹¹ Perguntou: 'Quem te revelou que estavas nu? porventura comeste da árvore de que te

proibira comer?'

¹² O homem respondeu: 'A mulher que tu me deste como companhia, ela é que me deu da árvore e eu comi'.

¹³ O Senhor Deus perguntou à mulher: 'Que foi que fizeste?' A mulher respondeu: 'A

serpente enganou-me e eu comi'.

¹⁴ Disse o Senhor Deus à serpente: 'Porque fizeste isso, maldita sejas tu mais do que todos

os animais domésticos e do que todos os animais do descampado; sobre o teu ventre rastejarás e comerás humo todos os dias da tua vida;

¹⁵ porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua descendência e a descendência dela; ela

te pisará a cabeça e tu atentarás ao seu calcanhar'.

¹⁶ À mulher disse: 'Multiplicarei sobremaneira as tuas penas e a tua gravidez. Com dor

darás à luz os filhos. Para o teu homem será o teu forte desejo, mas ele te dominará'.

¹⁷ E ao homem disse: 'Porque atendeste à voz da tua mulher comendo da árvore a respeito da qual te tinha ordenado «não comas dela», maldito seja o solo por tua causa; com fadiga comerás dele todos os dias da tua vida;

¹⁸ espinhos e abrolhos te fará brotar e comerás as plantas do descampado;

¹⁹ com o suor do teu rosto comerás o pão até que voltes ao solo, pois dele foste tomado:

porque és humo e em humo te tornarás'.

²⁰ O homem deu à sua mulher o nome de Vitalidade porque ela foi a mãe de todos os

vivos.

²¹ O Senhor Deus fez para o homem e para a sua mulher túnicas de pele e vestiu-os.

²² Disse o Senhor Deus: 'Eis que o homem se tornou como um de nós quanto ao conhecimento do bem e do mal; portanto, agora, que não estenda a mão para tomar também da árvore da vida e, comendo, viva para sempre'.

²³ Então o Senhor Deus reenviou-o do pomar da várzea para cultivar o solo donde tinha sido

tomado.

²⁴ E, tendo expulsado o homem, instalou a Oriente do pomar da várzea os querubins e a

chama de espada flamejante para guardar o caminho para a árvore da vida.

Para concretizar a nova abordagem pretendida, vou seguir o itinerário hermenêutico que se desenvolve em dois momentos.

Estes dois momentos interpretativos caracterizam-se do seguinte modo: o primeiro realiza uma exegese crítica que contextualiza o texto buscando a compreensão do seu sentido original, e o segundo faz a atualização existencial para o presente do

sentido original descoberto pela exegese crítica. São, portanto, dois momentos inseparáveis na interpretação do texto.³⁸

Importa precisar que o foco desta abordagem incide particularmente sobre o segundo momento pois pretende-se uma hermenêutica de tipo existencial, ou seja, uma exegese antropológica aplicada ao «hoje» da vida humana. Esta narrativa contém uma evidente carga antropológica onde importa revelar a sua significação atual. Deste modo e dados os objetivos didáticos e pedagógicos que se pretendem, a interpretação que se deseja não é movida por interesse filológico ou histórico, mas em busca de força para a vida e respostas vitais.³⁹

Isto implica fazer com que o texto bíblico se dirija a cada um, criando uma comunhão entre o leitor e o texto segundo três níveis. O primeiro revela a plataforma comum intrínseca entre o mundo antigo do texto e o mundo atual do leitor, o fundo humano de ambos. O segundo faz a conversão da riqueza do conteúdo da linguagem usada pelo autor para a linguagem atual, tendo em conta que a compreensão de um texto é um encontro linguístico entre a experiência da vida tornada palavra no texto e o leitor, que se enriquecem num diálogo mútuo. Por fim o terceiro nível do projeto hermenêutico recorda que a verdadeira compreensão não se dá sem a pré-compreensão. A compreensão do texto bíblico não acontece colocando-se numa ilusória neutralidade existencial, mas quando se aborda o texto assumindo os condicionamentos legítimos da vida concreta, psicológicos, sociológicos, afetivos, fornecendo ao texto estes elementos para descobrir nele algo de e para o leitor.⁴⁰

Embora muita da exegese feita sobre o excerto do livro do Génesis em causa tenha classificado esta narrativa como secundária e quase uma repetição da primeira,

³⁸ Cf. A. VAZ, *Palavra Viva, Escritura Poderosa*, 259-260.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 432.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 445.

atualmente a postura é muito diferente e os dois relatos surgem no mesmo nível de importância e articulados, no entanto mantendo cada um as suas características muito próprias.

Convém precisar que a interpretação que exponho não segue a tradicional «história de Adão e Eva». Segundo o Prof. Armindo Vaz, esta abordagem «clássica» parte de diversos pressupostos que não têm fundamento no texto bíblico contextualizado.⁴¹

A presença da causa dos males do mundo num ato pecaminoso de um casal primordial daria a este um peso excessivo, dado o contexto da Criação, e levaria a uma heresia dualista pois faria originar e condicionar o projeto divino da salvação a um carácter de correção de rumo e não de graça por puro amor.⁴²

Estas premissas permitem classificar diferentemente esta narrativa. Consequentemente a exegese do primeiro momento hermenêutico conduz à conclusão de que estamos perante um mito de origem, rico de significados teológicos e antropológicos.

O relato descrito pelo autor apresenta-nos o esforço de iluminar o seu presente fazendo-o remontar pelo mito às origens absolutas de tudo. Ligando o seu tempo histórico ao tempo meta-histórico, o tempo da Criação e de Deus, atribuíu-lhe um sentido de transcendência.⁴³

Desta forma, a descrição apresentada não é uma reportagem dos princípios da história humana nem o registo circunstancial de um drama das origens, mas a sugestão de que a origem última de tudo e da vida humana está unicamente em Deus. O seu conteúdo, em termos históricos, não são acontecimentos singulares, localizáveis no tempo e no espaço. Aquilo que importa neste texto não são os pormenores da narração em si, literal

⁴¹ Cf. A. VAZ, “Onde Abundou o Pecado, Superabundou a Graça”, *Didaskalia*, XLVI-2 (2016) 180.

⁴² Cf. *Ibidem*.

⁴³ Cf. *Ibidem*.

e factualmente considerados, mas o seu significado profundo tornado presente ao leitor através do ato narrativo.⁴⁴

Fazendo um esquema do texto em consideração podemos encontrar uma primeira secção (Gn 2,4b-25) onde surge uma descrição da situação primordial do homem como primeira fase da criação. Em Gn 3,1-6 surge uma transgressão humana que perturba o processo de criação em curso. Os temas seguintes (Gn 3,7-24) expõem as consequências desta transgressão como segunda fase da criação e em correspondência à situação presente do ser humano.⁴⁵ Desta forma o texto pode ser organizado em três partes segundo um paralelismo concêntrico na perícopes Gn 3,1-6, o relato da “transgressão”, no qual se pode identificar a transição de Deus para uma segunda fase definitiva da criação.⁴⁶ Este ponto central surge como ponto aglutinador ao redor do qual se estrutura e apresenta a narração inteira.

Nesta hipotética divisão em três partes encontramos uma relação de causa-efeito entre a primeira parte e a terceira, preparada através da proibição da primeira parte. A violação desta interdição marca o ponto no qual o narrador coloca o ponto de viragem da situação mítica original para a situação humana atual. A aquisição do conhecimento é o fulcro no qual assenta a ‘explicação’ da penosa realidade atual. Esta situação gera uma cadeia de tensões que o autor pretende ‘justificar’ e que derivam todas da tensão essencial com Deus: a perturbação da relação humana vertical com Deus torna-se, assim, na fonte da perturbação da relação horizontal com o seu meio ambiente.⁴⁷

A estrutura dramática deste excerto apresenta, a exemplo do que acontece com outros relatos de mitos de origens e mesmo com outras passagens da Bíblia, um esquema

⁴⁴ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 375.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 402.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 404.

evolutivo de tipo piramidal que parte de uma situação negativa onde tudo falta, subindo até ao *clímax* da transgressão, para seguidamente descer até à situação atual do homem.⁴⁸

As tensões que marcam a existência humana real marcam profundamente a estrutura antitética deste trecho. O objetivo deste mito de origem é colocá-las juntas e torná-las compatíveis com a vida.⁴⁹

Encontramos, por exemplo, em toda a primeira parte, de modo absolutamente dominante, Deus como protagonista e sujeito da ação. Nesta parte são personagens Deus, o homem, a mulher e os animais. O único beneficiário da ação de Deus é sempre o ser humano: Deus chama-o simplesmente à existência e cria-lhe um ambiente.⁵⁰

Na parte dois dá-se o *turning point* e os intervenientes passam a ser a serpente e a mulher com o homem que são manipulados. Deus está completamente ausente e é contrariado no seu projeto de criação. A cena fica marcada pelo diálogo entre os infratores.⁵¹

A reentrada em cena de Deus marca a terceira parte. Os intervenientes da parte anterior, agora assumem um papel passivo. O estilo passa agora a ser inquisitivo e impositivo. Deus assume nesta parte um papel corretivo relativo às formas de vida humana esboçadas na primeira parte através do interrogatório e da sentença sancionadora.⁵²

Fazendo agora uma observação global da totalidade da perícopa verifica-se que, assumindo algumas precisações à análise do texto, este adquire uma unidade e não mais uma justaposição de fragmentos como frequentemente foi classificada.

⁴⁸ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 406.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 409.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*.

⁵¹ Cf. *Ibidem*.

⁵² Cf. *Ibidem*, 410.

Analisando os elementos constitutivos da narrativa, surge, a título de exemplo e com maior rigor de acordo com a tradução usada, que estamos perante a imagem de um “pomar” a cultivar, mais do que de um “paraíso terreal”. No centro deste pomar surgem destacadas as duas árvores que polarizam em si as problemáticas fundamentais e estruturantes da narração fazendo gravitar ao seu redor, explícita ou implicitamente, todos os outros temas antropológicos e teológicos.⁵³

Com particular significado emerge também o significado da transgressão humana primordial como recurso literário para ‘explicar’ os duros incómodos da vida presente. Na mesma linha podemos colocar o significado positivo da sentença divina e da “maldição” da serpente e do solo (Gn 3,14-19) enquanto segunda fase da ordenação da vida atual por parte de Deus. Identicamente se pode constatar a situação narrativa e a significação da imposição divina do trabalho e da morte ao homem (Gn 3,22-24) que surgem como cumprimento da ameaça de Gn 2,17 revelando assim a sua função temática de dar sentido positivo à mortalidade humana.

Concluído o primeiro momento hermenêutico do texto, o momento seguinte pretende usar as conclusões interpretativas obtidas anteriormente a fim de extrair qual a possível aproximação ao conceito de Pessoa Humana passível de se obter segundo esta abordagem.

Embora o termo “pessoa” não surja na Escritura, o conceito relacional do ser humano que contemporaneamente expressa o conceito de pessoa pode ser reconhecido na sua apresentação como “imagem de Deus”. Deus entra na autocompreensão do homem, a ideia da afinidade Deus-homem é a expressão veterotestamentária daquilo a que

⁵³ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 412.

chamamos personalidade.⁵⁴ Desta forma podemos afirmar, antes de mais, que o homem é pessoa pela sua referência originária a Deus.

Mas esta referência originária não esgota a dimensão relacional implícita no conceito de Pessoa contido nesta narrativa. Da sua análise, resulta também a relação constitutiva com o mundo, revelado através dos animais levados à presença do homem para que lhes dê o nome: as criaturas são para ele, ele é a coroação da criação que deve governar conscientemente em nome do Criador.⁵⁵

Surge ainda uma terceira relação fundante, com o outro, com o seu semelhante que, neste relato, surge identificado com a criação da mulher. O narrador, com a referência da criação da mulher, deseja descrever a existência humana de forma polar, dual, e complementar sob as formas de varão e mulher. É o complemento representado no *rosto* do outro que dá visibilidade e presença à *pessoa*, o que permite concluir que a vida pessoal é essencialmente convivência.⁵⁶ Nesta complementaridade, o ser humano, dual sob as formas de varão e mulher, descobre igualmente a sua dupla realidade pessoal: ser para si e ser para o outro.⁵⁷

2. Atualização do Texto Bíblico – Segundo Momento Hermenêutico

Conforme afirma o Papa Bento XVI⁵⁸, na criação não existem dois princípios, um bom e outro mau, mas um único princípio, Deus criador, absolutamente bom e sem sombra de mal. Desta forma, o ser não é uma mistura de bem e mal. O ser, como tal, é

⁵⁴ Cf. J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, Editorial Sal Terrae, Maliaño, 1988, 176.

⁵⁵ Cf. J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 48.

⁵⁶ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 95.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 96.

⁵⁸ Cf. BENTO XVI, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081203.html consultado a 26/02/2019.

bom e, por isso, é bom ser, é bom viver. O mal tem uma origem obscura, mas não é ontológica, entra na história pelo campo da liberdade criatural.⁵⁹

Porém o mal existe e condiciona fortemente a pessoa humana que com ele lida quotidianamente e é por ele questionada permanentemente.

A tradição religiosa ocidental imaginou que Deus teria criado um «paraíso terreal» onde originariamente o ser humano teria vivido numa situação de total ausência de dor, trabalho árduo e sem morte biológica e onde se teria mantido se não tivesse «pecado». Isto implicaria que, se não fora por este «pecado», a humanidade teria mantido uma estrutura biológica e teológica elevada distinta da atual, mas agora irremediavelmente perdida.⁶⁰

Já Ricoeur advertia:

“Nunca se dirá suficientemente o mal que fez à cristandade a interpretação literal – deveria dizer-se «historicista» – do mito adâmico; ela afundou-a na profissão de uma história absurda e em especulações pseudo-rationais sobre a transmissão quase biológica de uma culpabilidade quase jurídica da falta de outro homem, empurrado para a noite dos tempos... Entretanto, o símbolo sempre dará que pensar.... Entre o historicismo ingênuo do fundamentalismo e o moralismo exangue do racionalismo abre-se o caminho da hermenêutica dos símbolos.”⁶¹

A compreensão aberta desta narrativa apresenta uma significação radicalmente diferente. Sugere que tudo, absolutamente tudo, até as penas da vida, têm origem em Deus como seu sentido último e não existiriam sem Ele. Retirar Deus do horizonte provoca uma absoluta perda de sentido.⁶²

A consideração deste trecho como um mito de origem permite revelar um elevado valor e sentido antropológico e espiritual. Possibilita a descoberta de mais significado encontrando nele uma apologia do ser humano que revela a verdade sobre a vida.⁶³

⁵⁹ Cf. A. M. ALVES MARTINS, “De Cristo a Adão. A Inversão hermenêutica sobre a Doutrina do Pecado Original na Teologia Atual”, *Didaskalia*, XLV-2 (2015) 198.

⁶⁰ Cf. A. VAZ, “O Presente Iluminado pelas Origens”, *Didaskalia* XLV-1 (2015) 247.

⁶¹ Citação por A. VAZ, “O Presente Iluminado pelas Origens”, 248.

⁶² Cf. A. VAZ, “O Presente Iluminado pelas Origens”, 247.

⁶³ Cf. *Ibidem*, 248.

Segundo o esquema tripartido apresentado atrás, podemos reapresentar estas partes como a apresentação de uma condição bonita na primeira parte, dotada de conhecimento e cultura na segunda parte, mas definitivamente contingente, sofredora e mortal na terceira e última parte. Formando, assim, uma grelha de interpretação do espírito humano segundo uma visão positiva e otimista na perspectiva de Deus.⁶⁴

Importa desmascarar o mal moral através da responsabilização de indivíduos e grupos pelas suas ações, boas ou más, até ao limite das suas consequências provocadas pelas conexões globais, em vez de responsabilizar um longínquo causador original de todo o mal. Se concordamos em considerar Gn 2-3 um mito de origem, então continuar a falar de uma transgressão original que condicionou fatal e negativamente toda a história humana, implica, honestamente, encontrar outros fundamentos, necessariamente, não bíblicos.⁶⁵

Gn 2-3 aborda positivamente o sofrimento e a morte pois integra-os na radical caducidade da condição humana limitada.⁶⁶

No contexto dos mitos de origem, a metáfora da transgressão aparece com a finalidade de ‘explicar’ ou ‘justificar’ as realidades penosas e a morte atuais, desculpabilizando os humanos da responsabilidade moral por elas. Relatando a transgressão humana para alcançar o desejável e necessário conhecimento de tudo, desculpava a humanidade de um ato de leviana imoralidade, porque o ‘conhecimento’ era indispensável para o homem e mulher se tornarem seres humanos completos.⁶⁷

O mitógrafo significava assim que até mesmo as penas devem ser aceites como as realidades agradáveis e igualmente vistas à luz de Deus, sem o sentimento de algo bom

⁶⁴ Cf. *Ibidem*.

⁶⁵ Cf. A.VAZ, “Onde Abundou o Pecado Superabundou a Graça”, 205.

⁶⁶ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 318.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 322.

catastroficamente perdido e sem atitudes de angústia existencial e de pessimismo.⁶⁸

Para Gn 2-3, o sentido das penas e da morte não aparece entretecido com o sentido de culpa nem deriva desta. A aceitação da vida como ela é – proposta de Gn 2-3 – torna-se caminho que evita a tendência para a culpabilização. A mentalidade de culpabilização não é sinal de religião falsa, mas indício de religiosidade imatura, que ainda não se encontrou a si própria nem consegue dar sentido às aflições da vida de outra maneira.⁶⁹

⁶⁸ Cf. A. VAZ “Criação, o Presente Iluminado pelas Origens”, 245.

⁶⁹ Cf. A. VAZ “Criação, o Presente Iluminado pelas Origens”, 247.

Conclusão Capítulo II

O trecho considerado evidencia alguns aspetos fundamentais: antes de tudo o aspeto relacional que define a pessoa. O homem é o *tu* de Deus⁷⁰, Deus cria o homem, chama-o à existência. Antes de qualquer outro aspeto, o homem existe para se relacionar com Deus.

Além deste ponto, o homem só é ele mesmo se completa a relação com Deus com a relação com os seus semelhantes. O outro completa-o e por isso Deus afirma “não é conveniente que o homem esteja só” (Gn 2,18). Tal como a relação com Deus, a relação com o outro é constitutiva do seu ser homem e forma-o como pessoa.

Dentro dos relacionamentos, ele também se relaciona com a natureza e é-lhe dado o encargo de zelar em nome do Criador pela Criação. Por isso, o respeito e a boa administração da natureza não são opcionais, mas provêm do próprio ato criador do seu ser homem.

Por outro lado, o homem é um todo. Não é composto por elementos, mas uma criatura viva, inserida na história onde realiza o projeto de Deus.

Embora o conceito de corpo seja estranho ao Antigo Testamento a sua referência é dada através das suas partes como expressão da totalidade.⁷¹ A criação da *mulher* através do recurso ao denominado ‘costado do homem’ não é mais do que o meio narrativo usado pelo mitógrafo para indicar a igual dignidade da *mulher* e do *homem*. Esta afirmação destaca-se particularmente na exclamação “Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne.” (Gn 2,23a). Deste modo toda e qualquer tentativa de

⁷⁰ Cf R. PANIKKAR, *Iconos del Misterio: la experiencia de Dios*, Ediciones Península, Barcelona, 1998, 122-123.

⁷¹ Cf. A.M. ALVES MARTINS, *Apontamentos de Antropologia Teológica I – Fundamentos*, 67.

afirmar que um sexo é superior ao outro vai intrinsecamente contra o Plano de Deus que criou o mesmo ser humano sob uma forma dual.

Esta perspectiva do texto permite ainda ir mais além, a mulher descrita como “complemento adequado” não pretende unicamente transmitir um conceito de ‘ajudante’, ‘companheira’ ou ‘aliada’ com matizes de inferioridade, mas como o complemento total e a todo o nível, a par dele e da sua mesma natureza, o seu acabamento necessário. Esta expressão significa também “complemento que está diante, em frente de alguém”, presente e a ver. O rosto é o modo de ser ou a expressão da pessoa, no rosto emerge para o outro a intimidade secreta que é a identidade da pessoa. Assim no ‘outro’ reflete-se a realidade do ‘próprio’ que nele se projeta e reconhece.⁷²

Este ulterior aspeto permite afirmar e sublinhar fortemente uma das características fundamentais que este trabalho pretende destacar: a ‘pessoa’ é na, sua essência, convivência.

No entanto, a pessoa fica sempre definida por um carácter de indigência, nunca acabada, nunca está ‘dada’, pode ser sempre mais: a relação pessoal é sempre ‘véspera da perfeição’, cada um precisa do outro como insubstituível e irrenunciável. Ser é dispor-se a ser, é estar-se aberto a ser sempre mais.⁷³

Por outro lado, a condição humana atual, com as suas dificuldades, dores e morte, não surge como consequência de uma infração cometida por dois parentes remotos. São características da normal caducidade da natureza humana. Os seres humanos não são deuses, está implícito neles a existência de um fim. Este fim permite dar à vida um valor

⁷² Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 95.

⁷³ Cf. *Ibidem*.

inestimável, sabendo que vai terminar deve ser vivida como algo de precioso, que deve ser aproveitada ao máximo em cada um dos seus instantes.

A recondução do sofrimento e até da morte a um Princípio Unificador torna possível a compreensão dos aspetos penosos da vida humana, a intuição contemplativa junta-os em harmonia e enche-os de significação. Nos relatos de origem esse princípio unificador é Deus, no Qual ganham transcendência, são desdramatizados e quase perdem o seu mordente doloroso.⁷⁴

Com base nestes aspetos antropológicos vitais, veremos no próximo capítulo como será feita a sua implementação no âmbito do programa de EMRC conforme proposto inicialmente.

⁷⁴ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 326.

Capítulo III – A EMRC e a tarefa de dignificar a “Pessoa”

1 - Como aplicar Gn 2,4b-25 ao Programa da Unidade Letiva 1

Da análise tradicional do referido texto do Génesis concluía-se que as dificuldades que o Homem experimenta na sua existência quotidiana resultam de uma perturbação acontecida algures nos primórdios da sua existência na sua relação com Deus.

Mas, como fomos dizendo, essa interpretação atualmente está superada. Uma exegese mais cuidada com a respetiva significação antropológica permite enquadrar esta narrativa numa grelha interpretativa de um processo de criação em curso que se conclui com o estado presente e efetivo do ser humano.

Como vimos anteriormente, as contingências da vida fazem parte da natureza humana, e não são infortúnios ou castigo por uma qualquer infração. Todos os aspetos da vida, mesmo os dolorosos e penosos, têm sentido porque integrados no plano de Deus, não há nada na humanidade que se possa considerar como estranho à criação de Deus.⁷⁵

Resulta, assim, a necessidade de encontrar um processo de integração e maturação que permita à humanidade encontrar o seu caminho para a felicidade sem dramatismos ou fatalismo desnecessários. Este caminho começa no momento presente da vida e concretiza-se através da abertura e doação ao outro de forma universal.

Como dito acima, o descentramento de si próprio torna-se sempre uma via de autorrealização e felicidade que, para os crentes, assume o reconhecimento de Deus como origem de todos os aspetos da vida e a sua concretização na solicitude para com os seus semelhantes.

⁷⁵ Cf. A. VAZ, “Criação, o Presente Iluminado pelas Origens”, 247.

Para concretizar, importa fazer ainda algumas precisações, por exemplo, quando o texto nos fala em Criação, ou se faz uso deste termo, deve-se estar atento em perceber qual é o sentido em que ele foi empregue na narrativa do livro do Génesis.

A evolução semântica provocou um ligeiro desvio de significado que pode parecer inócuo, mas é suficiente para adulterar a mensagem original. Na atualidade o termo “criação” assume para nós um sentido de “produção” ou “origem”, onde através da conjugação ou elaboração que vários elementos resulta um produto final. Ora bem, o sentido da palavra em hebraico para o autor que escreveu este texto não era esse. O termo “criação” surge na Bíblia em contexto religioso e não apresenta o início científico, real, de cada coisa, mas é a forma de a fé afirmar a relação de tudo, das coisas e das pessoas, de tudo aquilo que existe, com Deus.⁷⁶

Como é natural, sendo a Bíblia uma obra religiosa, a interpretação dos conceitos deve ser feita também em contexto religioso e não através da aplicação à Bíblia de contextos que lhe são completamente estranhos tal como o contexto científico.

Afirma o Professor Armindo Vaz,

“embora o catequista ou o professor de Educação Moral e Religiosa, por um lado, e o professor de Ciências Naturais, por outro, empreguem a mesma palavra “criação”, deveriam ter consciência de não estarem a falar do mesmo conteúdo: o catequista exprime como crente a relação da terra com Deus (a visão da terra na perspetiva de Deus), o cientista fala como investigador do começo objetivo do mundo material; o catequista fala do sentido religioso e invisível, o cientista fala de causas físicas naturais.”⁷⁷

Segundo o texto bíblico, o Ser Humano, em si, não é compreensível separado do mistério de Deus.⁷⁸

⁷⁶ Cf. A. VAZ, “Origem da Terra segundo a Bíblia” in *Bíblica – Série Científica* 12 (2003) 82.

⁷⁷ Cf. Ibidem, 82-83.

⁷⁸ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus*, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communio-stewardship_po.html consultado a 15/08/2018.

Na aplicação prática a esta Unidade Letiva, considero pedagogicamente mais útil restringir a perícope considerada e usar apenas a parte inicial da unidade literária considerada. O Prof. Armindo Vaz na sua obra “O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens” apresenta de modo claro que, graças à identificação homogénea do modo com que é designado Deus, pode-se dizer “[...] que esta narração é caracterizada e delimitada também literariamente por este tratamento de Deus [...]. Portanto, consideramo-la acabada em si, sem estender os seus limites a antes de 2,4b e além de 3,24.”⁷⁹

Neste sentido e dado ser uma unidade literária efetiva, esta pode ser organizada segundo uma estrutura distribuída por três momentos. O momento I desenvolve-se de Gn 2,4b até Gn 2,25 e descreve a situação primordial do ser humano, sendo considerada como primeira fase da Criação. Os dois momentos sucessivos Gn 3, 1-6 e Gn 3, 7-24 descrevem a transgressão primordial, com a consequente perturbação da Criação em curso e as suas consequências, que constituem a segunda fase da Criação e corresponde à situação presente do ser humano.⁸⁰

Para o nosso fim específico, afigura-se mais simples e objetivo restringir a atenção ao momento I onde consta a situação inicial do ser humano, ou seja, as intenções originais de Deus anteriores à perturbação acontecida.

Na perícope considerada não aparece uma definição de Pessoa Humana, mas uma apresentação do ser humano como um ser relacional. Assim, segundo a primeira meta proposta, *Meta B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, esta unidade letiva pode ser abordada segundo o prisma relacional indo assim

⁷⁹ Cf. A. VAZ, *O Sentido Último da Vida*, 49.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 402.

logo de encontro ao *Objetivo 1 – Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.*

A implementação da meta B requer igualmente um segundo objetivo, *Objetivo 2 – Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.* O nosso texto confirma-o afirmando a primordial relação com Deus e dentro desta a relação com os outros e com o mundo. Como já apresentado acima, constitutivamente desde o seu início, o ser humano como pessoa deve relacionar-se com Deus, com os seus semelhantes e com a natureza ao seu redor.

Passando à meta seguinte, surge a *Meta G – Identificar os valores evangélicos.* Nesta meta são também indicados dois objetivos. Iniciando no *Objetivo 3* pretende-se: *Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto.*

Na abordagem alternativa proposta, este objetivo alcança-se através da luta contra o egoísmo e o egocentrismo procurado na complementaridade entre pessoas. Os outros ajudam-me a ser mais eu. A realização pessoal não é possível apenas individualmente, mas sempre em colaboração e cooperação com os outros.

Dentro ainda desta meta temos o *Objetivo 4 – Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.* Neste objetivo penso que a proposta de conteúdos proposta no Programa e seguida pelo Manual é perfeitamente válida e, assim, manteria esta abordagem: *o ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade – Declaração Universal dos Direitos Humanos; Convenção sobre os Direitos da Criança.* Esta abordagem toca aspetos fundamentais e muito práticos, envolve a apresentação da Organização das Nações Unidas que é um organismo mundial que merece todo o apoio e divulgação junto dos jovens. Particularmente estes dois documentos são de vital importância e mesmo a prática pedagógica subjacente a este

estudo veio demonstrar que há uma boa receptividade por parte dos alunos e a sua atualidade permanece claramente.

Nesta fase o Programa apresenta a meta seguinte a ser atingida, *a meta I – Conhecer o percurso da Igreja e o seu contributo para a construção da sociedade*. Esta meta é concretizada através do *Objetivo 5 – Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana*. Embora perceba perfeitamente a necessidade em dar a conhecer e promover as organizações católicas que muito mérito têm na defesa e promoção dos direitos das pessoas e, particularmente, das crianças, penso que numa perspetiva mais universalista se deveria pesquisar organizações católicas e não só que Genuinamente concorram para a promoção da pessoa humana dentro da perspetiva cristã-católica mesmo se não declaradamente ou explicitamente.

Na proposta de implementação não passaria pela apresentação de mais documentos do magistério da Igreja. Este tipo de documentos é de difícil apresentação aos alunos pois implicam uma explicação complexa sobre a própria Igreja e sua estrutura, o que extravasa o âmbito da Unidade Letiva. Ao invés, apostaria na apresentação de mais caso concretos que ajudam a dinamizar as aulas tornando-as mais interessantes e apelativas dando oportunidade aos alunos de construírem o seu saber através da pesquisa sobre organismos atuais que procuram responder às problemáticas de hoje. Proporia, a título de exemplo, uma entrevista pessoal ou por escrito a um colaborador do Serviço Jesuíta aos Refugiados⁸¹ ou da AMU – Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido⁸² dado serem organizações que lutam pela promoção do ser humano como pessoa realçando o aspeto da relacionalidade e corresponsabilidade entre os seres humanos. Uma outra possibilidade poderia ser ainda a apresentação em turma de um dos

⁸¹ <http://www.jrsportugal.pt/>.

⁸² A AMU é uma ONGD e uma IPSS que se dedica à cooperação internacional para o desenvolvimento social inspirada na espiritualidade dos Focolares, <https://www.amu.org.pt>.

projetos promovidos por estas organizações de modo a facultar um conhecimento mais concreto e detalhado da atividade desenvolvida por cada uma.

Seria interessante apresentar uma pequena seleção de organizações ou entidades não necessariamente de âmbito religioso que se dedicassem a estes fins, porém tal exige uma pesquisa cuidada a fim de garantir que mesmo sob uma aparência benemérita não se escondam intuitos pouco ou nada humanitários. No entanto penso que seria de grande utilidade prática apresentar de modo sucinto o conceito de *microcrédito*, apresentando-o como uma rede organizada de pequenos empréstimos para a criação de atividades económicas simples (p.e. uma criação de galinhas para a produção de ovos e pintos), criado e promovido por Muhammad Yunus, dado o contributo inovador e respeitoso que deu à melhoria das condições de vida das pessoas pobres assim como à própria economia como ciência. É igualmente um tema muito diversificado que penso poderia atrair facilmente o interesse e a motivação dos alunos dado associar a economia e a solidariedade, conceitos frequentemente antagónicos.

Para concluir, passo à última das metas a atingir neste Unidade Letiva, a *Meta O – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo* que visa atingir o *Objetivo 7 – Promover as condições para que cada um viva como pessoa que é*. Também aqui parece-me que a implementação constante do Programa e adotada no Manual é muito válida. Todas as características nomeadas são importantes, deveriam ser ilustradas mediante a apresentação de um modelo próximo dos jovens. Neste ponto considero útil a apresentação do exemplo da beata Clara Badano, uma moderna jovem italiana falecida aos 18 anos em 1990 devido a um cancro ósseo, a quem foram reconhecidas virtudes cristãs heroicas, tendo sido declarada beata em 2010 pelo Papa

Bento XVI.⁸³ A apresentação de um modelo concreto e próximo ajuda os alunos a acolherem os conceitos apresentados de uma forma vital e não apenas intelectual.

A este nível parece-me pertinente evocar as palavras do Papa Francisco na sua recente visita ao Santuário de Maria *Theotokos* em Loppiano-Itália em maio de 2018. Na base de qualquer formação deve estar um pacto formativo que une os percursos individuais das crianças, dos jovens, dos adultos e das famílias e que assenta sobre o conceito da proximidade e usa articuladamente e em conjunto três linguagens: a da cabeça, do coração e das mãos. Pensar aquilo que se sente e faz, sentir aquilo que se pensa e faz e fazer aquilo que se pensa e sente.⁸⁴

Este “pacto formativo” garante uma conceção unitária da pessoa humana onde os diferentes aspetos estão unificados permitindo aos indivíduos uma autoconsciência mais perfeita e correta criando um estímulo ao próprio crescimento e desenvolvimento.

De seguida é apresentada a Planificação de Nível III onde surgem já implementadas as modificações anteriormente referidas de acordo com os critérios definidos.

⁸³ Cf. <http://www.chiaralucebadano.it/index.php?lang=pt>, consultado a 11/09/2018.

⁸⁴ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/may/documents/papa-francesco_20180510_visita-loppiano-focolari.html, consultado a 11/09/2018.

2 – Planificação de nível III

Nota: as alterações propostas estão evidenciadas no texto a negrito e sublinhadas.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula nº
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros	<u>1. Quem é a Pessoa Humana?</u>	<u>- Jogo didático: descrever um colega para a turma identificar.</u>	Nível de envolvimento de participação	1
		<u>2. O Ser Humano é Pessoa e, por isso, relação.</u>	<u>- Jogo (continuação): descrição de um colega para identificação pela turma..</u>	Trabalho escrito. Forma de apresentação à turma	
	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente	<u>3. Relação fundante: com Deus.</u>	<u>- Explorar o texto Gn 2, 4b-9,15-17:</u> <u>1-Simbologia do texto.</u> <u>2-Identificar os elementos principais e seus significados.</u>	-Capacidade em manusear a Bíblia; - Envolvimento e participação	2
		<u>4. Relação com a Criação</u>	<u>Explorar o texto Gn 2, 18-20</u> <u>Responsabilidade com a natureza – a ecologia</u> <u>Como respeitar e proteger a natureza..</u>	-Capacidade em manusear a Bíblia; - Envolvimento e participação	3
		<u>5. Relação com os outros</u>	<u>-Explorar o texto Gn 2, 21-25.</u> <u>Simbologia do texto.</u> <u>A criação da mulher como símbolo do “outro”.</u> <u>Valor da família e dos amigos.</u>	-Capacidade em manusear a Bíblia; - Envolvimento e participação	4
G. Identificar os valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)	<u>6.Autenticidade e vocação</u>	<u>-Descobrir a minha vocação: aquilo para o que Deus me criou.</u> <u>-Ser autêntico: escolher um de vários símbolos e explicar à turma a escolha.</u>	-Capacidade de envolvimento e participação.	5
	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana	7. O ser humano é dotado de direitos e deveres.	- Apresentar a ONU - Apresentar a DUDH e a CDC - Jogo didático: associar artigos ao document correto	-Capacidade de envolvimento e participação.	6
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para construção da sociedade	5. Conhecer organizações que trabalham pela promoção da dignidade humana.	<u>8. Organizações para a promoção humana.</u>	<u>- Apresentar algumas organizações de promoção da Pessoa Humana: SJR, AMU, Microcrédito.</u> <u>- Identificação e associação de imaGns.</u>	-Capacidade de envolvimento e participação.	7

E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano	<u>9. Relação pessoal com Deus – Jesus Cristo</u>	<p><u>- Jesus na sua relação com o Pai revela-nos o ser Pessoa perfeitamente.</u></p> <p><u>Apresentação do texto Lc 10,21: como são para Jesus as verdadeiras Pessoas e quais as suas características.</u></p> <p><u>-A relação com o Pai.</u></p>	- Conhecimentos sobre a vida de Jesus. Participação e envolvimento	8
O. amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<u>10. Responsabilidade em ser Pessoa</u>	<p><u>-Cada um só consegue ser Pessoas se todos contribuirmos para todos tenham condições para isso.</u></p> <p><u>- Estabelecer relações cordiais e verdadeiras;</u></p> <p><u>-Escutar;</u></p> <p><u>-Ser atento e amável;</u></p> <p><u>-Comunicar bem;</u></p> <p><u>-Respeitar os outros;</u></p> <p><u>-Defender os direitos humanos;</u></p> <p><u>-Cumprir os seus deveres;</u></p> <p><u>-Não omitir a própria parte;</u></p>	Participação e envolvimento	9
			Resumo geral. Realização de um Quiz sobre os assuntos abordados na UL	Autoavaliação	10

Conclusão

Do exposto anteriormente e da conjugação dos diversos documentos, onde se pode destacar o recente “Perfil dos Alunos à Saída de Escolaridade Obrigatória”, podemos concluir que a formação integral da Pessoa Humana é o objetivo por excelência do processo de ensino-aprendizagem.

Porém, e até para evitar uma certa ingenuidade, convém questionar-se sobre qual o tipo de Pessoa Humana que se pretende assumir como horizonte para atingir este objetivo máximo.

O esforço reflexivo realizado procurou fazer este discernimento. A Pessoa Humana que se pretende formar integralmente compreende intrinsecamente o aspeto transcendental. Compreende um aspeto ulterior aos aspetos físico, intelectual e psíquico, que deve ser considerado e formado.

Esta conceção pode ser colhida nas narrativas bíblicas da Criação, onde os crentes encontram uma expressão da revelação de Deus sobre a sua criação por excelência, o ser humano.

É necessário, portanto, compreender os traços essenciais que caracterizam a Pessoa Humana que se pretende que os alunos sejam ou se tornem ao longo do seu percurso curricular. O itinerário percorrido neste Relatório, dado ter como suporte a experiência realizada na PES, mostra que a disciplina de EMRC tem sentido em contexto escolar. Este sentido verifica-se concretamente através do Programa apresentado ao longo das suas múltiplas unidades letivas distribuídas ao longo do percurso académico dos alunos.

Por limitações práticas, cuja superação ultrapassaria o âmbito deste Relatório, assume-se a opção de não fazer uma verificação exaustiva sobre a totalidade do Programa,

desse modo a reflexão desenvolvida incidiu especificamente sobre uma das unidades letivas utilizadas durante a lecionação realizada no âmbito da PES.

Neste sentido o contributo desta unidade letiva é de uma importância vital porque esclarece precisamente este ponto nevrálgico.

Ainda segundo o documento “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”: um dos princípios que orienta, justifica e dá sentido a este documento orientador, é, entre outros, o princípio humanista – “a escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar”.⁸⁵

Embora seja mencionado aqui apenas o primeiro dos oito princípios orientativos, é significativa a referência inicial neste documento de referência à construção de uma sociedade mais justa com características bem definidas: centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo como bem comum a preservar. Parece-me que não poderia haver maior pertinência para a apresentação no Programa de EMRC de uma unidade letiva que ajuda os alunos a clarificar o tipo de Pessoa Humana para o qual estão a ser formados.

Este documento é estruturante e pretende estabelecer para a sociedade portuguesa do séc. XXI o perfil dos jovens após a conclusão do percurso formativo de base.

Com estas premissas e graças à prática pedagógica e respetiva reflexão, surgiu a ideia de uma apresentação alternativa e surgiu a constatação de que a abordagem pedagógica adotada na Unidade Letiva 1 do Programa do 6ºano carecia de coerência relativamente ao restante Programa. Desta forma foi feita uma tentativa de harmonização seguindo um critério de uma maior aproximação aos critérios bíblicos.

⁸⁵ Cf. A.A. V.V., *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, DGE – Lisboa, 2017, 8.

Neste esforço pareceu-me pertinente pesquisar nos textos bíblicos das origens aqueles trechos onde o autor sagrado colocou por escrito as suas intuições e inspirações sobre o próprio ser humano. Fazendo uso do meu percurso académico no âmbito das Ciências Religiosas considerei dedicar-me em particular à segunda narrativa do relato da Criação.

Verifiquei que a abordagem do conceito de Pessoa Humana contida em Gn 2,4-3,24 poderia possuir um forte pendor humanista enriquecido pela solidez dos milénios, desde que devidamente acedida através de uma hermenêutica correta e atual.

Nesta narrativa o timbre relacional é essencial e a sua apresentação é urgente nos nossos tempos e nas nossas sociedades ocidentais modernas onde o pendor individualista é muito forte. O “outro” precisa de ser recuperado e dignificado, pois muitas vezes surge camuflado sob uma capa de “inimigo”, “obstáculo”, “limite”.

Fazendo recurso dos estudos referidos ao longo do itinerário deste Relatório do Prof. Armindo Vaz, vem fortemente em evidência a mensagem subjacente a toda a narrativa: tudo está ligado a Deus, tudo tem como origem Deus.

A sociedade tem necessidade de ser remodelada ao estilo de um mosaico onde todas peças são necessárias na sua devida articulação e harmonia de modo a formarem um conjunto com sentido e beleza.

Para isto a redefinição dos conceitos base é vital, e, logicamente, o conceito Pessoa Humana pode e deve ser o primeiro. O aspeto relacional, se bem apreendido nos seus diversos aspetos, com o transcendente, com o semelhante e com o mundo, cria bases sólidas para todos os ulteriores desenvolvimentos.

Muitos dos problemas fulcrais da humanidade podem ser validamente resolvidos se for devidamente promovida junto das novas gerações um correto humanismo que bebe

nas fontes bíblicas como do próprio Deus. A fonte bíblica obtida no Antigo Testamento fornece uma base de sustentação muito ampla pois, desde logo, encontra reconhecimento em todas as culturas e religiões que se identificam com o Livro.

Mesmo fora do âmbito religioso e mercê da ampla divulgação que se verificou ao longo dos séculos da *História de Adão e Eva* nos mais variados campos de expressão da humanidade, podemos ter garantida a atenção e curiosidade de uma vasta audiência onde encontramos os nossos alunos, as suas famílias e ambientes, sedentos de esclarecer o que está por detrás desta *historieta* tão antiga como mal compreendida

Penso que se abre aqui um rico filão e uma oportunidade preciosa a não desperdiçar. A nova abordagem exegética trás consigo um enorme potencial para corrigir séculos de mal-entendidos e erros com consequências funestas para o desenvolvimento da humanidade muito particularmente nos nossos tempos atribulados.

Mesmo se os objetivos imediatos são modestos, trata-se de uma Unidade Letiva apenas dentro das dezenas que fazem parte do Programa de EMRC, dirigida a jovens de pouca idade, no início da vida, mas em fase de crescimento com uma grande capacidade de assimilação, no quais podemos contribuir para colocar bases formativas sólidas que marcarão o seu futuro e daqueles com quem contactarão.

Foi assim elaborado o itinerário exposto onde se percorreram as características fundamentais do ambiente onde a prática pedagógica foi desenvolvida, a Salesianos de Manique – Escola. Seguidamente foi realizada a abordagem reflexiva na Unidade Letiva em causa em si mesma e no contexto do Programa de EMRC na sua versão atual assim como a sua leção efetiva.

Toda esta reflexão permitiu colocar as bases para o aprofundamento científico a realizar segundo os termos pretendidos. Como sequência natural e resultado do

aprofundamento realizado foi apresentada a nova proposta de abordagem pedagógica concretizada através da apresentação da nova planificação para a lecionação desta unidade letiva.

Tenho a viva esperança de que este esforço possa ser um contributo, se bem que modesto, para tornar o tema mais apelativo e útil para os futuros alunos que no 6º ano de escolaridade frequentem a disciplina de EMRC como um contributo válido para as suas vidas e daqueles com quem contactarem.

BIBLIOGRAFIA

Documentos da Igreja

BENTO XVI, *Audiência Geral de 3 dezembro 2008 - S. Paulo – Adão e Cristo: do pecado (original) à liberdade*,
http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081203.html consultado a 10/09/2018.

BENTO XVI, *Carta Encíclica - Caritas in Veritate*,
http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html consultado em 10/09/2018.

BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja - A Palavra do Senhor*, Paulinas, Prior Velho, 2010.

COMISSÃO PONTÍFICA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1994.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: A Pessoa Humana Criada à Imagem de Deus*,
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html , consultado em 15/08/2018.

PONTIFÍCA COMMISSIONE BIBLICA, *Il Popolo Ebraico e le Sue Sacre Scritture nella Bibbia Cristiana*,
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_20020212_popolo-ebraico_it.html consultado em 15/08/2018.

Obras de Referência

A.A. V.V., *Estou Contigo! Manual do Aluno – Educação Moral e Religiosa Católica - 6º Ano do Ensino Básico*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

A.A. V.V., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Moscavide, 2014.

A.A. V.V., *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Ministério da Educação – Governo de Portugal, 2017.

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw Hill, 7ª edição, Lisboa, 2008.

VAZ, A., *O Sentido Último da Vida Projectado nas Origens*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2011.

Estudos e Monografias

- ALVES, H., “O Rosto do Deus da Criação” in *Génesis, do Sonho à Esperança da Terra Prometida*, IX Semana Bíblica Nacional, Difusora Bíblica, Fátima, 1987, 31-77.
- AMBROSIO, J., “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, *Pastoral Catequética* nºs 31/32 (2015) 63-81.
- BRAMBILLA, F., *Antropologia Teologica*, Editrice Queriniana, Brescia, 2014.
- CARNEIRO, R., “Educação: pressupostos antropológicos de um humanismo aberto” *Brotéria* 142(1996) 107-112.
- COSTA, A., *Génesis. Das Lendas e Mitos da Criação à Fé do Deus Criador*, Difusora Bíblica, Fátima, 2002.
- GRELOT, P., *As Origens do Homem (Os Onze Primeiros Capítulos do Génesis)*, Cadernos Bíblicos, Difusora Bíblica, Lisboa, 1980.
- KRAMER, S., *A História Começa na Suméria*, Círculo de Leitores, 1995.
- LADARIA, L., *Teología del Pecado Original y da la Gracia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2012.
- LORETZ, O., *Creazione e Mito*, Paideia Editrice, Brescia, 1974.
- MARTINS, A., “De Cristo a Adão. A Inversão Hermenêutica sobre a Doutrina do Pecado Original na Teologia Atual”, *Didaskalia* XLV – 2 (2015) 179-202.
- PACHECO, F., “A Hermenêutica Bíblica numa Disciplina Confessional” *Pastoral Catequética* nº 31/32 (2015) 83-93.
- PANIKKAR, R., *Iconos del Misterio*, Ediciones Península, Barcelona, 2001.
- RUIZ DE LA PEÑA, J., *Imagen de Dios*, Editorial Sal Terrae, Maliaño, 1988.
- RUIZ DE LA PEÑA, J., *Teología de la Creación*, Editorial Sal Terrae, Maliaño, 1988.
- SÁ CARVALHO, C., “Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, Edição 2014” *Pastoral Catequética* nº 31/32 (2015) 29-61.
- TAVARES, A., “A Criação do Homem nos Mitos das Origens” *Didaskalia* VIII (1978) 35-54.
- VAZ, A., “Literaturas do Antigo Oriente e Renovação dos Estudos Bíblicos” *Cadmo* 12 157-193.
- VAZ, A., “Criação: O Presente Iluminado pelas Origens”, *Didaskalia* XLV – 1 (2015) 225-248.
- VAZ, A., “Onde Abundou o Pecado Superabundou a Graça”, *Didaskalia* XLVI – 2 (2016) 179-206.
- VAZ, A., “Ecologia e Criação, à Luz de Génesis 1”, *Bíblica – Série Científica* XI nº11 (2002) 119-142.

VAZ, A. “Origem da Terra Segundo a Bíblia”, *Bíblica – Série Científica* XII nº12 (2003) 49-86.

VAZ, A., *Palavra Viva, Escritura Poderosa*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.

VON RAD, G., *La Storia delle origini*, Paideia, Brescia, 1993.